

BLIMUNDA

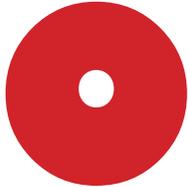
Jornalismo, o 'quarto' poder numa encruzilhada



O viajante gosta dos seus vinte sentidos, e a todos acha poucos, embora seja capaz, por exemplo, e por isso se contenta com os cinco que trouxe ao nascer, de ouvir o que vê, de ver o que ouve, de cheirar o que sente nas pontas dos dedos, e saborear na língua o sal que neste momento exacto está ouvindo e vendo na onda que vem do largo.

José Saramago, in Viagem a Portugal

Estudos pessoanos

 O terceiro número da revista *Pessoa Plural* já circula na Internet. A revista digital editada conjuntamente pela Brown University, a Utrecht University e a Universidad de Los Andes é inteiramente dedicada aos estudos sobre Fernando Pessoa e está aberta a colaborações: «A revista tem como objetivo a publicação dos melhores estudos sobre Fernando Pessoa, independentemente de qualquer perspectiva teórica, metodológica ou ideológica». Neste novo número, incluem-se estudos sobre Fernando Pessoa e Raul Leal (Rui Lopo), sobre o sensacionismo pessoano lido a partir do ambiente cultural vienense de princípios do século XX (Jordi Serdà) e sobre o modo como o autor de *Mar Salgado* lidou com uma acusação de plágio (José Barreto). Para além disso, há inéditos de Raul Leal (editados por Rui Lopo), cartas inéditas de Jorge de Sena no âmbito do primeiro Simpósio Internacional Sobre Fernando Pessoa (editadas e contextualizadas por George Monteiro), reflexões sobre a presença da filosofia islâmica em alguns escritos juvenis do poeta (Fabricio Boscaglia) e novas contribuições para a leitura do texto de Pessoa sobre Oscar Wilde (Jorge Uribe). Aos estudos juntam-se críticas e resenhas sobre livros recentes com relevância para os estudos pessoanos assinadas por Onésimo Teotónio de Almeida, Antonio Cardillo e Miguel Real). A *Pessoa Plural* é editada por Onésimo Teotónio de Almeida, Paulo de Medeiros e Jerónimo Pizarro e pode ser descarregada gratuitamente para leitura no ecrã.

➔ **Pessoa Plural**



A Removida

No espaço de opinião do jornal *InfoLibre*, Luis García Montero assina uma crónica sobre uma peça de Alberto San Juan levada à cena no teatro Alfíl, em Madrid, que serve de mote para uma reflexão sobre os tempos que vivemos. Os modos de organização e cooperação que têm nascido nas ruas, a partir dos protestos dos últimos anos, surgem aos olhos de García Montero como uma nova *movida*, já não uma mudança de costumes e um rompimento com a Espanha herdada do franquismo, mas antes como uma resposta, ou talvez muitas respostas, à situação atual de crise económica e, sobretudo, de crise democrática: «mientras el Estado abandona las bibliotecas, la música, el cine y el teatro, surgen las alternativas de un tejido social agitado que quiere discutir, hablar de política, buscar responsables de lo que está pasando.» A peça, *Autorretrato de un joven capitalista español*, questiona as mudanças vividas em Espanha no período da transição democrática, deixando a dúvida sobre se não terão incluído uma estratégia para manter os privilégios das mesmas classes e dos mesmos interesses económicos que já o franquismo conhecia. A *removida*, de que esta peça é parte integrante, parece disposta a acabar com esses privilégios, discutindo tudo a partir do início: «Alberto San Juan acaba su monólogo con una mirada a la calle. ¿Será posible aprovechar esta vez la crisis para transformar la realidad? Muchas fuerzas políticas entienden su renovación como una simple cuestión de edad, ese cambio generacional que facilita la perpetuación del sistema. Pero detrás de cada puerta está la calle, una calle removida, gente que quiere hablar de política y llenar los teatros. Ríe, aplaude, participa y exige valentía. Ser cobarde es una forma de tomar partido.»

⇒ **InfoLibre**

ONDE ESTAMOS
WHERE TO FIND US
Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO
THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION
CASA DOS BICOS

Segunda a Sexta
Monday to Friday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm

Sábado
Saturday
10 às 14 horas
10 am to 2 pm

A Quemarropa

A XXVIIª edição da Semana Negra de Gijón decorreu entre os dias 5 e 14 deste mês e cumpriu o seu desígnio de sempre: lançar o debate, mostrar livros nem sempre acessíveis, colocar lado a lado autores e público para a conversa e a discussão, divulgar o trabalho de centenas de autores, músicos e intérpretes de várias artes e permitir o convívio num ambiente singular. Pensada como um festival literário com a literatura policial no centro do programa, a Semana Negra sempre se caracterizou por juntar a literatura e a festa popular, colocando num mesmo espaço a leitura, as artes tradicionais, a comida, o debate político mais amplo e os espetáculos de rua. Mais de um quarto de século depois, a proposta mantém-se; a única diferença é o público, cada vez em maior número. A acompanhar a programação diária, a Semana Negra edita todas as manhãs um jornal, distribuído gratuitamente no espaço do festival e em diversos locais da cidade, que é o melhor guia para o que se vai passar nesse dia e a forma mais próxima de acompanhar a agitação de Gijón durante a semana mais longa do ano. Para além da edição em papel, o jornal *A Quemarropa* é publicado em PDF, estando disponível para descarga no *site* da Semana Negra. Os números deste ano incluem textos sobre Leonardo Padura, Howard Chaykin ou Antonio Skármeta (que também assina um texto), bem como artigos sobre a nova geração de escritores latino-americanos, os 40 anos do golpe militar que levou a ditadura ao Chile ou a ficção científica literária. Quem não teve a oportunidade de passar por Gijón durante a Semana Negra, pode agora descarregar as dez edições de *A Quemarropa* e experimentar um pouco da intensidade e do interesse que continuam a marcar um dos mais importantes festivais literários da Península Ibérica.

➔ **A Quemarropa**

○ Brasil na rua

As manifestações que há várias semanas ocupam as ruas do Brasil têm sido alvo de análises e reflexões várias em centenas de textos espalhados pela imprensa e pela Internet. Aqui ficam dois: o primeiro, de Manuel Castells, publicado em *Fronteiras do Pensamento*, o segundo, de Fernando de Barros e Silva, na revista *Piauí*. Manuel Castells tem acompanhado com atenção meticulosa os movimentos sociais e políticos surgidos nos últimos anos em várias partes do mundo, refletindo sobre as suas características no livro *Redes de Indignación y Esperanza* (Alianza Editorial). Recentemente, esteve em São Paulo para participar na conferência *Fronteiras do Pensamento 13* e arriscou algumas análises sobre o que se passa no Brasil. Um excerto: «Não estão contra a democracia. Não é a velha história da democracia, não é. Eles são contra esta precisa prática democrática em que a classe política se apropria da representação, não presta contas em nenhum momento e justifica qualquer coisa em função dos interesses que realmente interessam ao Estado e à classe política – ou seja, os interesses económicos, tecnológicos e culturais – a estes sim a classe política tem respeito. Ela não respeita os cidadãos. Não é minha opinião. É isso que os cidadãos sentem e pensam: que eles não são respeitados.» Fernando Barros e Silva analisa a heterogeneidade de um protesto que começou com o Movimento Passe Livre, contra o aumento do preço dos transportes públicos, e que hoje se organiza de modos muito diversos em torno de questões que vão da desigualdade social ao desprezo mais básico (e perigoso) perante os partidos políticos e o sistema democrático.

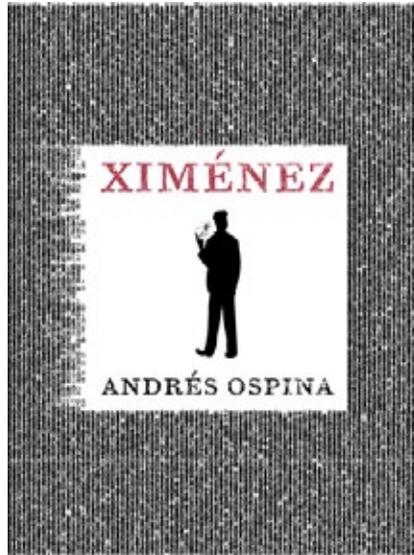
➔ **Fronteiras**

➔ **Piauí**

o repórter que inventava cidades

Romance biográfico revelador de uma admiração desmesurada, *Ximénez* conta a vida de José Joaquín Giménez com recurso a liberdades narrativas que o próprio biografado teria apreciado. Giménez foi um jornalista colombiano da primeira metade do século XX, que integrou a redação do *El Tiempo*, em Bogotá, e se tornou famoso graças às suas crónicas, à cobertura dos suicídios ocorridos no Salto del Tequendama e ao modo inimitável como escrevia jornalismo sem se afastar da literatura; como disse o diretor do jornal, segundo o romance de Ospina, «Es un buen reportero, pero a la vez un embustero profesional. Sabe inventar prodigiosas mentiras y sabe decir grandes verdades.» (pg. 151). A obra que Andrés Ospina lhe dedica traça um caminho semelhante, na medida em que constrói a biografia de Giménez com base num trabalho documental e de pesquisa obviamente meticuloso, mas recriando o quotidiano do jornalista a partir de um registo que deve tudo à criação literária e respetivas liberdades.

O homem que começa por ser Giménez, alterando o nome em homenagem ao fundador de Bogotá (que assinava, por vezes, Gonzalo Ximénez, em vez de Gonzalo Jiménez de Quesada), tem na sua história familiar aquilo a que poderia chamar-se uma saga, envolvendo intrigas de salão político, filhos fora do casamento e uma zanga fraternal que se arrastará até ao túmulo. A construção de uma identidade é talvez a sua primeira obra, e já aí se percebe o ímpeto de cruzar os factos com



Andrés Ospina
Ximénez
Laguna Libros (Colômbia)

a sua criação, algo que será aprimorado na redação do *El Tiempo*, onde Ximénez descobre a vocação de repórter e a transforma num eixo condutor para toda a vida. Fugindo à sucessão dos dados biográficos, ou ao conforto de uma cronologia bem arrumada que cumprisse o propósito primeiro de contar a vida do jornalista, o narrador criado por Ospina possui o registo adequado à personagem cuja vida narra, imprimindo um certo tom trágico aos momentos familiares e devedores da memória, criando um ambiente de *spleen* nas deambulações por bares, prostíbulos e meandros onde se cruzam criminosos e os polícias que podem fornecer as informações de que Ximénez precisa para as suas histórias, e erguendo um discurso introspetivo quando se trata de colocar o jornalista frente a frente com os seus fantasmas, sejam eles a vontade de ser conhecido pelo que escreve ou a necessidade de resolver velhos traumas de infância.

Ximénez lê-se como o romance que é, sobretudo fora da Colômbia, onde o nome do protagonista é pouco ou nada conhecido, mas o epílogo assinado pela sobrinha do jornalista confirma o fundo não-ficcional deste livro, explicando igualmente a série de acasos que levou Andrés Ospina a interessar-se pelo personagem e a empreender o trabalho monumental de o conhecer profundamente para depois lhe recriar a vida sob a forma de romance. Não havendo uma biografia formal, será *Ximénez* a cumprir esse papel, algo que acaba por fazer justiça ao homem que inventava poetas e criminosos bogotanos apenas para tornar a cidade que amava um lugar mais habitável e passível de ser amado por outros. **Sara Figueiredo Costa**

a 'crise'

pequenos contributos para um grande debate

do jorn

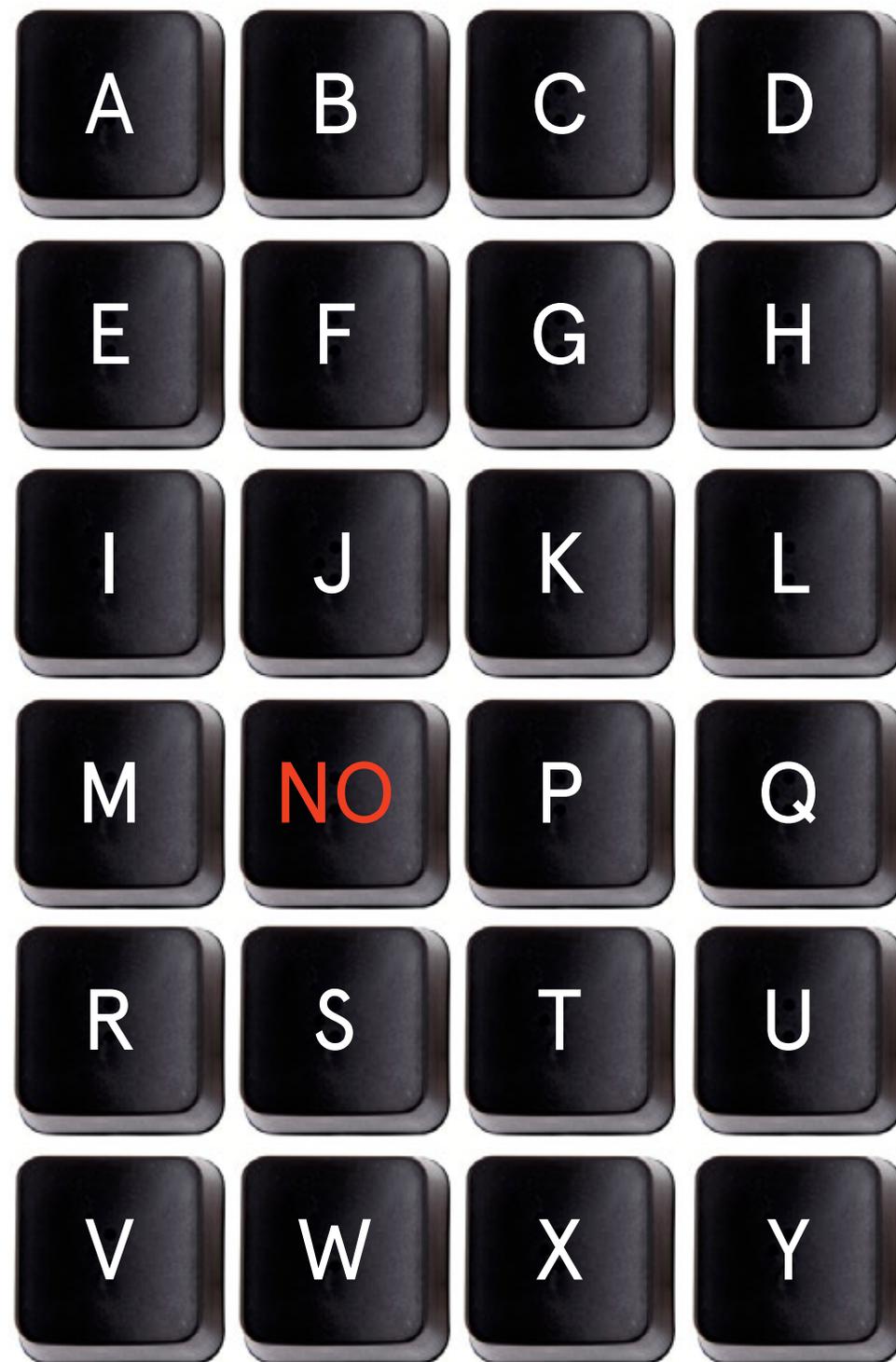
Sara Figueiredo Costa

alismo

a 'crise' do jornalismo

Num vídeo registado pela revista *Visão* em Outubro do ano passado, aquando da passagem de Walter Dean por Portugal para uma acção de formação com jornalistas do grupo Impresa, há um momento em que o jornalista e membro do Committee of Concerned Journalists pergunta aos seus camaradas de profissão qual é o objectivo de um grupo de comunicação. A primeira resposta: informar. A segunda: ter lucro, fazer dinheiro. A escolha não tem por que ser chocante naquele sentido quixotesco que parece pretender que toda a gente trabalhe apenas por amor ao ofício, mas não deixa de revelar-se preocupante quando assistimos ao comentário de Walter Dean: “Em tempos, há dez anos, quando começámos a fazer isto, essa era a última coisa a ser mencionada e tínhamos de a arrancar das pessoas, mas agora está perto do topo.” Esta revelação, nada surpreendente, pode ajudar a perceber o que foi mudando no modo de fazer jornalismo ao longo dos últimos anos, um conjunto de factores que hoje são frequentemente referidos como a crise do jornalismo que, não sendo um exclusivo da profissão, acabam por ter nela uma influência suficientemente grande para podermos falar de mudança de paradigma.

ilustrações **Jorge Silva**



Grupos económicos, internet e o novo paradigma jornalístico

Num artigo publicado em Março no *site International Herald Tribune* (<http://rendezvous.blogs.nytimes.com/2013/03/21/the-legacies-of-iraq-an-ailing-press-and-an-invade-or-nothing-foreign-policy/>), David Rohde, jornalista da agência Reuters, analisa o impacto da invasão do Iraque pelos Estados Unidos da América, ocorrida há dez anos, a partir de várias perspetivas relacionadas com a política, a economia e o jornalismo. Um dos dados apresentados para essa análise é o seguinte: um relatório apresentado este ano pelo Pew Research Center registava que o número de jornalistas profissionais a trabalhar a tempo inteiro nas redações dos jornais norte-americanos decresceu 24% em relação a 1989; em compensação, o *ratio* de profissionais de relações-públicas nessas mesmas redações aumentou de 1,2 para 1, em 1980, para 3,6 para 1 em 2008. Os números serão diversos em função da realidade de cada país, mas a tendência, pelo menos na Europa e nos Estados Unidos da América, será semelhante. A redução das vendas dos jornais impressos, associada à crise económica que afectou seriamente as receitas provenientes da publicidade, à facilidade de acesso às notícias na Internet de modo gratuito e a uma dispersão de conteúdos que ultrapassa as questões jornalísticas e

parece afirmar-se como uma característica central da sociedade contemporânea levou a um desinvestimento substancial nos recursos humanos e nas condições de trabalho das redações por parte dos grupos económicos que detêm os títulos jornalísticos. Como todas as grandes questões, esta não facilita uma leitura linear, pelo que também seria possível dizer, cumprindo a imagem da pescadinha, do círculo vicioso ou de outras metáforas análogas, que o desinvestimento substancial nos recursos humanos e nas condições de trabalho das redações por parte dos grupos económicos que detêm os títulos jornalísticos levou a uma degradação da qualidade dos conteúdos e, conseqüentemente, a um desinteresse crescente por parte do público leitor, o que terá reduzido as vendas. Haverá exemplos de sobra para ambas as leituras, mas parece consensual que a chamada crise do jornalismo não se resume a uma visão economicista dos detentores dos jornais ou à falta de publicidade, sendo absolutamente necessário reflectir sobre ela tendo em conta as mudanças trazidas pela Internet, os novos modos de consumir informação e a parafernália de plataformas, conteúdos e redes que a fazem circular.

Um debate alimentado pela visão conservadora que dirá que a Internet vai matar os jornais terá tão bons resultados como o debate que jurou que a televisão acabaria com a rádio, ou que os livros digitais aniquilariam as bibliotecas. Mas qualquer reflexão sobre o jornalismo e o seu futuro terá de encarar a participação da Internet, por um lado, tendo em conta que a disponibilização

a 'crise' do jornalismo

de notícias de modo gratuito dificilmente terá recuo (e talvez por isso Walter Dean tenha falado de um erro crasso, na entrevista já referida à revista *Visão*), por outro, porque são as redes sociais que fazem circular a esmagadora maioria das notícias que marcam a actualidade. Que nem sempre o façam do modo mais claro é outro dos dados a ter em conta.

'Jornalismo cidadão', redes sociais, democracia

Associados ao poder político, à definição de agendas com interesses pouco claros e a uma vontade de vender superior à de informar, os meios de comunicação social não têm sido alvo das palavras e atitudes mais agradáveis nos movimentos que têm tomado as ruas de várias cidades e países. Em Istambul, o facto de a CNN turca se ter dedicado a transmitir um documentário sobre pinguins enquanto a polícia atacava os manifestantes de Gezi Park com gás lacrimogéneo, canhões de água e muita violência produziu, *a posteriori*, belos slogans, cartazes sarcásticos e até momentos de humor (com vários manifestantes a saírem à rua nos dias seguintes vestidos de pinguins), mas não terá contribuído grandemente para a reputação do jornalismo mais *mainstream*. Do mesmo modo, a lei-



a 'crise' do jornalismo

tura de milhares de *tweets*, entradas de facebook e conteúdos vários espalhados pela net e com origem no Brasil, Síria, Bulgária, Espanha ou Portugal confirmam que uma parte não desprezível dos cidadãos que tomaram as ruas deposita tanta credibilidade no jornalismo como nos políticos, um facto que, não podendo ser generalizado, deve ser tido em conta tanto nos debates sobre o jornalismo como naqueles que se debruçam sobre a própria essência da democracia, de que o jornalismo rigoroso e independente é um dos pilares essenciais.

Em Lisboa, depois da manifestação de 14 de Novembro do ano passado, que terminou com uma carga policial sem precedentes sobre os manifestantes que se encontravam em São Bento, frente à Assembleia da República, muitos jornalistas tiveram algumas dificuldades na cobertura das manifestações seguintes, acusados de modo generalizador sobre uma alegada tomada de partido dos meios de comunicação social perante a carga policial. Ora, se é legítimo – e desejável, em democracia – que os cidadãos interpretem criticamente o trabalho da imprensa, e que denunciem abusos desse trabalho, falhas de rigor, incumprimentos da deontologia, não deixa de ser um mau prenúncio que tanta gente reduza a nada o papel da imprensa, algo que tem um paralelo preocupante no discurso generalizador sobre ‘os políticos’, ‘os partidos’, ‘os sindicatos’, discurso que tende, em muitos casos, a não apresentar quaisquer alternativas e a lembrar períodos da História em que discursos semelhantes conduziram a situações de suspensão de-

mocrática que não deviam ter deixado saudades. Neste contexto, e com as redes sociais a apresentarem-se como alternativas à informação veiculada pelos meios tradicionais, alternativa assumida por muitos leitores como credível sem nenhuma margem para questionamento, parece urgente que a discussão sobre a crise do jornalismo não se centre apenas em vendas e receitas de publicidade, abrangendo o tema de um modo mais amplo e nunca desligado do cenário social e político em que vivemos, sob pena de nos descobrirmos num outro, pior, mas sobretudo sem hipótese de recuo nos tempos mais próximos.

Caminhos para o futuro

Perante o encerramento de vários jornais, o despedimento de jornalistas, os cortes nos orçamentos editoriais e outros sinais de grandes mudanças nos modos de trabalho e nas condições que garantem a prática jornalística, têm surgido alguns projectos capazes de trazerem novas esperanças para o setor. Em França, o jornal *on-line Mediapart* oferece, desde 2008, uma linha editorial rigorosa e trabalhada por uma equipa de jornalistas com experiências anteriores em diferentes meios de comunicação. Com actualização diária, o *Mediapart* cobre a actualidade francesa e mundial e tem-se destacado pelo jornalismo de investigação, ten-

a 'crise' do jornalismo

do sido o respnsável pela denúncia devidamente sustentada de alguns casos obscuros relacionados com a vida política francesa. O *infoLibre* nasceu em Espanha há cerca de um ano e a sua edição digital e diária é acompanhada de uma edição semanal em papel fortemente dedicada à reportagem e a outros géneros jornalísticos que exigem espaço, tempo de preparação e leitura demorada. Na Grécia, depois da crise económica ter levado ao encerramento de vários jornais, um grupo de jornalistas fundou uma cooperativa e criou um jornal gerido por profissionais do ofício, o *Jornal dos Jornalistas*, com uma redacção composta por muitos jornalistas que ficaram sem emprego depois do encerramento do *Eleftherotypia*.

Já este ano, o *Eleftherotypia* foi relançado, mas o jornal produzido pela cooperativa jornalística têm conseguido afirmar-se nas preferências dos leitores, vendendo mais uns milhares do que o seu agora concorrente direto. E mais recentemente, com o encerramento da ERT, a rádio-televisão pública grega, os jornalistas da estação passaram a emitir através da Internet, mantendo o seu trabalho diário e contrariando as ordens do Governo grego. Em Portugal, onde o *Le Monde Diplomatique - Edição Portuguesa* já existe desde 1999 (depois de uma primeira vida na década de 70), outros pequenos projetos editoriais, mais definidos pela opinião e pela participação cidadã do que propriamente pela estrutura jor-



a 'crise' do jornalismo

nalística, têm marcado presença nas ruas e na Internet. É o caso do jornal *O Espelho*, que surgiu em 2012 como jornal de parede, com publicação irregular e conteúdos muito vocacionados para a reflexão e o debate sobre a crise e as suas saídas possíveis, ou do *Mapa*, um jornal bimestral cuja linha se define a partir de uma reflexão sobre o pensamento e as práticas autonomistas. E em muitos países, a rede *IndyMedia*, plataforma *on-line*, tem assumido a tarefa de noticiar aquilo que os meios tradicionais não noticiam, assumindo um papel essencial na divulgação de situações que, de outro modo, seriam conhecidas apenas dos seus intervenientes.

A discussão sobre os critérios editoriais do *IndyMedia* é relevante, claro, porque não se trata de conteúdos produzidos por jornalistas nem submetidos ao código da profissão, e porque as próprias regras de publicação no *site* definem desde logo o carácter imediato dos conteúdos (o tempo para a verificação das fontes, para o contraditório e para todas as averiguações necessárias à prática jornalística não existe, tal como não existem os passos essenciais a esse trabalho), mas a sua contribuição tem sido muito importante para a denúncia de situações como a violência policial ou a recusa de direitos básicos dos cidadãos por parte das autoridades

em diversos países, muitos deles democráticos. Entre projectos jornalísticos realmente independentes de grupos económicos e plataformas surgidas no plano a que alguns chamam 'jornalismo cidadão' (e que raramente é jornalismo, o que não lhe retira importância, mas é fundamental que se perceba a essência de cada contributo), o paradigma jornalístico parece dar tantos sinais de querer recuperar o seu papel fundamental de pilar da democracia como de estar a ver o seu lugar ocupado por *marketing*, notícias por verificar e empresas mais interessadas no lucro do que no fornecimento de um serviço de qualidade. Entre os dois lados dessa barricada impossível de ignorar, resta-nos esperar que o primeiro reconquiste o seu espaço. A partir daí, talvez possamos discutir a possibilidade de a actual crise se resolver sem perdermos a democracia. ■

a crise do jornalismo

Os directores do *infoLibre* e do *Le Monde Diplomatique* - versão portuguesa, Jesús Maraña e Sandra Monteiro, e o jornalista da ERT (rádio e televisão públicas da Grécia), Konstantinos Karikis, responderam a três perguntas da *Blimunda* sobre o jornalismo que temos e os caminhos que com ele podemos traçar para o futuro. São três contributos breves, mas fruto de experiências intensas e de uma reflexão aturada sobre aquilo a que todas as manchetes chamam a 'crise' do jornalismo.

Sara Figueiredo Costa

Jesús Maraña é director do *infoLibre*, um projecto informativo espanhol que alia o jornal digital, actualizado diariamente, a uma publicação mensal em papel, a *tintaLibre*. Fundado por jornalistas desempregados e oriundos de meios de comunicação como o *El País* ou o *Público*, o *infoLibre* caracteriza-se

pela informação rigorosa, trabalhada de acordo com as regras essenciais do jornalismo, e independente de qualquer interesse financeiro ou outro que não seja o compromisso com os leitores.



La tragedia del boxeador gay Por Alberto Salcedo Ramos • Mali, capital Toledo Por Ramón Lobo • Entrevista con Rosa Díez Por Karmenbu Marín • Rebelión a bordo Por Gonzalo López Alba • Un cantante balaceado Por Alejandra S. Inzunza y José Luis Pardo • El sobre encontrado en Pamplona Por Daniel Burgui

Como nasceu o InfoLibre? E como se organiza a sua estrutura?

Eramos um grupo de jornalistas procedentes de diferentes órgãos (*Público*, *El País*, *RTVE*, *El Mundo*...) e partilhávamos a ideia de que não há uma crise do jornalismo, mas antes uma crise das grandes empresas de comunicação, condicionadas pelos poderes financeiros e dominadas pelos seus credores. Acreditamos que fazem falta meios de comunicação independentes e dispostos a assumir a batalha de recuperar a credibilidade perdida, por isso definimos uns princípios editoriais baseados na ideia de propor um pacto entre jornalistas e leitores: nós comprometemo-nos a exercer honestamente o jornalismo, guiados unicamente pelo interesse dos leitores, renunciando a qualquer acordo comercial opaco que possa condicionar os conteúdos. Além disso, acreditamos que se podem utilizar as novas ferramentas digitais em prol de um jornalismo de qualidade, de investigação, com mais possibilidades de contextualizar, documentar e analisar a realidade. Pretendemos recuperar o mais essencial do ofício: tentar desvendar o que o poder pretende ocultar.

Os jornalistas fundadores, onde me incluo, capitalizaram o seu desemprego, para além de uma parte dos salários. O que fazemos é garantir que as decisões editoriais, de conteúdo, são tomadas pelos jornalistas tendo em conta exclusivamente o interesse dos leitores. Procurámos uma referência internacional semelhante e encontramos-la no diário digital francês *Mediapart*, também feito e controla-

do por jornalistas; chegámos a um acordo editorial e o *Mediapart* participa no *infoLibre* como um dos sócios financeiros, tal como o editor de livros Daniel Fernández, de uma pequena editora, a Edhasa. Para além disso, abrimos o capital a todos os cidadãos, através da Sociedad de Amigos de *infoLibre*, impulsionada por personalidades da cultura universal, da música, do cinema... da sociedade civil. A Sociedad de Amigos, orientada pelo poeta Luis García Montero e pela jornalista Pilar del Río, tem representação no Conselho de Administração e garante o cumprimento dos princípios editoriais que guiam o *infoLibre*. E para além do acordo com o *Mediapart*, estamos a criar acordos de intercâmbio editorial e de apoio ao jornalismo independente com títulos latino-americanos de prestígio. A nossa redacção é formada por 14 jornalistas, 6 bolseiros (com ordenado e segurança social) e 2 pessoas na administração e no atendimento aos subscritores.

Sobre o que se vai passando no mundo, sabemos cada vez mais através do twitter, do facebook e de outras redes sociais. Como é que vês o equilíbrio entre o podermos saber coisas que de outro modo não saberíamos (porque muitas vezes os media tradicionais, chamemos-lhes assim, não o dizem) e o sabermos essas coisas através de notícias que não são trabalhadas por profissionais, podendo ter origem em fontes duvidosas, podendo ser meras opiniões apresentadas como factos?

A revolução digital implica uma quantidade assombrosa de informação fornecida livremente por qualquer cidadão. Seria absurdo não aproveitar esse caudal para enriquecer o jornalismo. Mas

convém não confundir comunicação com jornalismo. A saturação de informação cria desinformação. Por outro lado, o jornalismo requer o cumprimento de algumas regras (de confirmação, verdade, respeito pelas fontes, distinção entre factos e opiniões, etc) que há que manter nas novas plataformas digitais. Esse trabalho é o que dá sentido ao jornalismo como instrumento essencial para garantir o direito dos cidadãos à informação. Devemos reivindicar essa função, sem a qual uma democracia é imperfeita, coxa ou débil. Entre os interesses dos poderes financeiros nos meios tradicionais e a saturação de dados sem confirmação e sem que ninguém se responsabilize pela sua verificação, o que se consegue é uma cidadania mal informada.

A imprensa tradicional enfrenta vários obstáculos, desde as baixas vendas em papel e a dificuldade de fazer com que as pessoas paguem pelos conteúdos digitais até à concentração de redacções nas mãos de grupos económicos que não oferecem condições para o jornalismo de investigação, ou para enviar repórteres para determinados sítios, e que podem chegar a definir as linhas editoriais a partir dos seus interesses económicos. Esta descrição faz sentido? E que contributo podem trazer novos modelos de jornalismo, como o infoLibre, para mudar as coisas?

É certo que o custo dos meios em papel são enormes e que as suas vendas continuam a descer, mas também acreditamos que o papel não tem por que morrer; pode continuar a cumprir uma função que não será, provavelmente, a de um diário noticioso. Por isso o jornal

digital *infoLibre* é também uma publicação mensal em papel, *tintaLibre*, uma revista impressa em papel de jornal que pretende contar grandes histórias de vários géneros, escritas por nomes de prestígio e procurando a qualidade, a profundidade ou a leitura descansada. Consideramos a *tintaLibre* como um atractivo para os subscritores do *infoLibre* e também uma forma de acompanhar a viagem de muita gente do papel para o digital, com a possibilidade de partilhar e de fazer conviver os dois mundos. Estes são tempos difíceis, mas também tempos de oportunidade se conseguirmos relacionar-nos com as necessidades e os interesses das pessoas. Os cidadãos não confiam nos meios tradicionais porque percebem que estão condicionados pelos seus credores, que os utilizam, entre outras coisas, como instrumentos para manipular a política. A Internet permite criar meios mais pequenos, mais modestos, especializados, mas com a ambição de responder de modo honesto a essa necessidade de um jornalismo independente e sem obstáculos. A solução é resistir, e para isso temos de convencer os cidadãos de que a informação tem um valor e que compensa pagar um preço módico para garantir que essa informação é de confiança. Ninguém tem uma fórmula definitiva. Vivemos num laboratório permanente e *infoLibre* propõe uma fórmula concreta que corresponde a uma empresa jornalística, baseada num pacto entre jornalistas e leitores, com suporte digital, mas também em papel. O futuro dirá se é sustentável, mas não temos dúvidas de que vale a pena tentar. ■



Sandra Monteiro é directora jornal **Le Monde diplomatique** - edição portuguesa, a segunda vida de um jornal que nasceu nos anos 70 e que regressou no final da década de 90. Publicado por uma

cooperativa cultural, depois de ter experimentado outras formas de organização, o **Le Monde diplomatique** - edição portuguesa tem edição mensal em papel e a sua linha editorial reflecte um trabalho de informação e reflexão sobre Portugal e o mundo a partir de uma matriz que pode definir-se como crítica do projecto neoliberal nas suas várias vertentes.



LE MONDE
diplomatique
EDIÇÃO PORTUGUESA

Mensal - Série - N.º 80 - Junho 2013 - 4,50 Euros - Directora: Sandra Monteiro

Com esta edição,
livro por mais €8,00
(vendê-se separadamente)



Dossiê

Percepções, tolerância, causas estruturais

Corrupção e desigualdades em Portugal: combates inseparáveis

LUÍS BERNARDO, MARCELO MORICONI, TIAGO CARVALHO



INÉS NORTON - Um Lugar Certo (2013) - www.inesnorton.com

Contra a língua única

SERGE HALIMI

Mercado único, moeda única, língua única? As portas e as pontes que ligam as notas europeias já representam a fluidez das trocas entre comerciantes sem raízes nem história. Serão que os estudantes também vão ter de sair do seu país sem dicionário, tendo como único passaporte linguístico um inglês de aeroporto, utilizável por toda a parte, em particular nas universidades francesas?

É que parece que estas continuam a estar demasiado «desajustadas à realidade» — tal como o resto do país. Imagine-se, ali, continua-se a falar... francês! Geneviève Fioraso, ministra do Ensino Superior e da Investigação, quer eliminar este «obstáculo da língua». Ele estaria a desencorajar «os estudantes dos países emergentes, da Coreia do Sul, da Índia, do Brasil» de irem para França formar-se.

No entanto, há vinte e nove Estados que têm como língua oficial a de Molière (cinquenta e seis a de Shakespeare) e o número de falantes de francês não pára de crescer, em particular em África. Mas, a julgar pelo árduo percurso que em França são obrigados a percorrer, não serão estes os estudantes que o país quer atrair. Eles não são suficientemente ricos, não são suficientemente susceptíveis de pagar as (elevadas) propinas de uma escola de comércio ou de engenharia.

Nas universidades norte-americanas, onde a percentagem de estudantes estrangeiros (3,7%) continua a ser muito inferior à que existe nos estabelecimentos de ensino franceses (13%), nunca ninguém imaginou resolver este «atraso» ensinando em mandarim ou em português. «Se não autorizarmos as aulas em inglês, seremos cinco a discutir Proust à volta de uma mesa», ironizou, ao menos, Geneviève Fioraso. Nicolas Sarkozy preferia mostrar o seu

desprezo pelas humanidades lamentando os estudantes condenados a ler *A Princesa de Olives* em vez de estudar Direito ou Gestão.

A Lei Toubon, aprovada em 1994, determina que «a língua do ensino, dos exames e dos concursos, bem como das teses e dissertações nos estabelecimentos públicos e privados de ensino é o francês». Opondo-se a esta regra «que data do século passado», um punhado de prestígiados universitários entendem que a defesa do multilinguismo ainda bem viva, neste século, na maioria das organizações internacionais... estaria a disuadir os anglofonos de irem estudar para Paris!

Mas a «atractividade» de uma língua não se resume à venda de formações aos países emergentes. Ela afirma-se nos intercâmbios com outros, pensando o mundo, incluindo o mundo que aí vem. Poderá a França, que lutou para defender o seu cinema e a sua excepção cultural, aceitar que um dia a investigação científica e a ciência se exprimam unicamente no idioma, aliás muitas vezes maltratado, da superpotência?

«O paradoxo actual», salienta o linguista Claude Hagège, «é que a americanização, a promoção do inglês, é feita por outros que não os americanos». Outros que não os franceses — em particular em África e no Quebec — permitiram a resistência do pluralismo linguístico. A sua persistência merecia que os responsáveis políticos se insprassem mas nela do que no fatalismo totalitário de um pequeno número de universitários.

[1] «Facile: les cours en anglais sont une chance et une réalité», *Le Monde*, 8 de Maio de 2013.

EMIGRAÇÃO

Portugal, o país do sol morninho
JOSÉ LUÍS PEDOTO

GRÉCIA

Syriza: tomar o poder sem perder a alma
BAPTISTE DERICQUEBOURG

BANGLADECHE

Os assassinos do pronto-a-vestir
OLIVIER CYRAN

EUA, CÁUCASO

Os lobos solitários de Boston
MURAD B. AL-SHISHANI

INTERNET

Marketing: pescar o cliente numa banheira

JACQUES NANTTEL e ARIANE KROL

DOSSIÉ

Um planeta grisalho
ALEXANDRE ABREU, JOÃO CARLOS GRACA,
J. PEUSSIER, H. HAARHOFF...

» INFOGRAFIA

Como é que começou a aventura do Le Monde diplomatique em Portugal e contigo?

A primeira edição do *Le Monde diplomatique* em Portugal foi bastante efémera, tendo sido publicada entre 1975 e 1976 pela Dom Quixote e tendo como directora Snu Abecassis. Nessa altura o jornal feito em Paris tinha importantes diferenças em relação ao que é hoje. Fundado em 1954, há quase 60 anos, começou por ser um suplemento internacional do diário *Le Monde*, sendo essencialmente reputado pelas análises do diálogo Norte-Sul e, em particular, pelas críticas às ditaduras da América Latina e do Sul da Europa. Só em meados da década de 1990 é que ocorre o processo de autonomização editorial e financeira, com a criação de uma estrutura empresarial em que o controlo accionista passa, na prática, para as mãos dos trabalhadores e dos leitores do jornal. A década de 1990 é também aquela em que se inicia a grande expansão das edições internacionais, a começar pelas europeias, num processo que levou à existência, neste momento, de 51 edições em 27 línguas.

A edição portuguesa foi uma das que (re)surgiu nessa altura, mais concretamente em Abril de 1999, tendo sido editada por uma sociedade expressamente constituída para o efeito, a Campo da Comunicação SA, cuja principal accionista era a Campo das Letras, propriedade do editor Jorge Araújo, e que aproveitou grande par-

te da estrutura editorial montada no Porto. Estive envolvida nesta edição a partir deste lançamento, primeiro como membro do seu Conselho Coordenador, depois como subdirectora e, desde Fevereiro de 2005, como directora, substituindo António Borges Coelho. O editor era Edgar Correia, o principal promotor deste projecto desde o primeiro momento, que tragicamente faleceu em Abril de 2005. A edição que existe agora, desde Novembro de 2006, depois de a anterior editora ter reorientado o seu projecto noutra sentida, corresponde a uma segunda série do jornal e foi já publicada no quadro de uma cooperativa cultural, a Outro Modo, criada justamente com o propósito de assumir este projecto jornalístico. Tendo sido constituída por cerca de 80 cooperadores, entre os quais me incluo, e sendo presidida desde o início por José Aranda da Silva, trouxe como principal novidade em relação ao projecto anterior algo que nunca até então se conseguira alcançar: um significativo aumento da componente redactorial portuguesa, contribuindo com uma voz própria e alternativa para o fraco pluralismo informativo e analítico que caracteriza uma estreita paisagem mediática portuguesa. Esta edição debate-se desde o início com um desafio, que a crise só veio dificultar: na ausência de grandes financiadores ou mecenas, e praticamente sem anunciantes – não por opção, note-se –, o jornal tem tido muita dificuldade em avançar para projectos mais ambiciosos, designadamente os que se relacionam com a profissionalização de todo o trabalho integrado, as plataformas digitais e os arquivos.

Sobre o que se vai passando no mundo, sabemos cada vez mais através do twitter, do facebook e de outras redes sociais. Como

é que vês o equilíbrio entre o podermos saber coisas que de outro modo não saberíamos (porque muitas vezes os media tradicionais, chamemos-lhes assim, não o dizem) e o sabermos essas coisas através de notícias que não são trabalhadas por profissionais, podendo ter origem em fontes duvidosas, podendo ser meras opiniões apresentadas como factos, etc., etc.?

As tecnologias, velhas ou novas, nunca são em si mesmo responsáveis pela maneira como são usadas nem pelas finalidades que lhes atribuímos. Não considero nada preocupante que os cidadãos utilizem cada vez mais as novas tecnologias da informação e da comunicação e as redes sociais (Twitter, Facebook e outras) como forma de acesso ao que se passa no mundo e para participar nos debates, mais ou menos informais, que vão surgindo. Muitas vezes, é através dessas plataformas que se chega, aliás, a projectos jornalísticos, sejam eles mais ou menos tradicionais.

Desde que isso seja feito com espírito crítico e que a facilidade e o imediatismo do acesso não impeça que as fontes credíveis e pertinentes sejam distinguidas das outras, estas redes estarão a cumprir a sua função. Nelas contêm de tudo um pouco, cabendo a cada um orientar-se num fluxo ininterrupto de dados que terá tanto de erro e de acerto como tem de precioso (por dar a ver o que é esquecido pelo *mainstream* jornalístico) e de excessivo (a tal «ditadura do excesso de informação», por comparação com as ditaduras da censura e da escassez, de que falava, já na década de 90, Ignacio Ramonet, ex-director do *Le Monde diplomatique*).

O que considero preocupante é que o campo jornalístico não

esteja a cumprir o seu papel, problema que foi certamente agravado pela presente crise, originada no sector financeiro, mas que não começou com ela. Se os meios de comunicação tradicionais estivessem a trabalhar bem, os que hoje se informam cada vez mais pelas redes sociais teriam mais tendência para diversificar as suas fontes de informação, estando ao mesmo tempo mais aptos para reconhecer a informação de qualidade que encontram nessas redes e para seleccionar o que é feito segundo as regras da profissão, nos jornais e noutros meios, penalizando o mau trabalho jornalístico (por não ter fontes fiáveis, por não ser fundamentado, por ser meramente descritivo e não apontar pistas para a compreensão, por ser dependente dos diferentes poderes e ter perdido autonomia, por não contribuir para um debate plural e democrático, etc.).

Sendo a meu ver insubstituível o trabalho feito segundo as regras do jornalismo – do trabalho das equipas de redacção ao tratamento das fontes, textos e outros materiais de investigação e reportagem –, o que importa é garantir que estes profissionais têm condições para exercer o seu ofício. É daqui que advirá um equilíbrio frutuoso entre a utilização que cada cidadão pode fazer das diferentes formas que tem de aceder ao conhecimento do mundo que o rodeia.

A imprensa tradicional enfrenta vários obstáculos, desde as baixas vendas em papel e a dificuldade de fazer com que as pessoas paguem pelos conteúdos digitais até à concentração de redacções nas mãos de grupos económicos que não oferecem condições para o jornalismo de investigação, ou para en-

viar repórteres para determinados sítios, e que podem chegar a definir as linhas editoriais a partir dos seus interesses económicos. Esta descrição faz sentido? E que contributo podem trazer novos modelos de jornalismo para mudar as coisas?

Os elementos desta descrição fazem, todos eles, parte da crise que a imprensa atravessa. A concentração da propriedade dos *media* teve efeitos muito negativos sobre a autonomia do trabalho das redacções (elas próprias em processo de degradação) e sobre a independência económica dos projectos editoriais, que se tornaram crescentemente reféns das exigências do lucro accionista e dos anunciantes. Este aumento da dependência do poder económico (ele próprio tantas vezes conluiado com o poder político) coincidiu com a deterioração das condições de trabalho dos jornalistas, cada vez mais atirados para a precariedade e ameaçados pelo desemprego, e favoreceu uma diluição da exigência crítica e dos valores e da ética jornalística. O jornalismo mais caro foi o que mais sofreu: a investigação aprofundada cedeu passo à notícia, e a reportagem no terreno foi substituída pelo copiar-colar de agências noticiosas e dos jornais internacionais.

Esta crise do jornalismo não é nova, mas foi muito agravada pela crise financeira. Os jornais que tinham o seu modelo de negócios assente na venda da atenção dos leitores aos anunciantes perderam, em média, mais de 20% das receitas publicitárias e ficaram em grandes dificuldades. Os leitores foram deixando de considerar que valia a pena comprar jornais, cuja qualidade diminuiu

imenso, e substituíram-nos por informação na Internet (inclusive nas edições *online* dos jornais, que já disponibilizaram gratuitamente mais conteúdos do que agora, depois de verificarem que não estavam com isso a aumentar as receitas). Os grandes grupos proprietários de jornais viram os seus lucros diminuir, pressionaram ainda mais as direcções editoriais, despediram, desinvestiram, recompuseram as estruturas accionistas das suas empresas.

A situação actual encerra um paradoxo: há muito tempo que não era tão necessário, em países como Portugal, surgirem projectos jornalísticos alternativos e, em simultâneo, é impossível não ter em conta que a crise financeira trouxe problemas acrescidos a que se encontre o financiamento inicial para lançar um projecto e a que se encontrem leitores suficientes dispostos a pagar por informação de qualidade – e com tempo para a ler –, de modo a viabilizar um projecto profissional que não seja de «jornalismo low cost». Significará isto que qualquer projecto assente num outro/novo, modelo de jornalismo terá de basear-se no voluntariado e não numa estrutura profissionalizada? Que terá de abdicar do papel e existir apenas na Internet? É muito difícil responder, não só porque por vezes surgem soluções onde menos se espera, como porque a própria Internet pode deixar de ser o reino do jornalismo gratuito e ser encontrado um modelo de negócios que, complementar ao do papel ou não, consiga ser sustentável. O que me parece é que o jornalismo passou demasiado tempo a dizer aos ci-

dadãos que informarem-se era fácil, ligeiro, rápido e gratuito e, ao fazê-lo, perdeu a sua relevância (em particular para o fluxo contínuo na Internet) e prescindiu de um modelo económico que o torne, em simultâneo, autónomo e sustentável.

No *Le Monde diplomatique*, em Portugal como nas restantes edições, a nossa reflexão vai no sentido de que, existindo este jornal em papel ou também na Internet – e, no nosso caso, bem gostaríamos de ter meios financeiros para existir nos dois suportes –, o que determinará a nossa relevância na paisagem mediática será a nossa capacidade para manter um jornalismo exigente, fiável, verificado, hierarquizado e contextualizado, no quadro de uma linha editorial que assume um ponto de vista claro – a crítica ao projecto neoliberal nas suas várias metamorfoses. Dependerá também de mantermos a aposta nas potencialidades de uma rede de autores, jornalistas e investigadores especializados, e nas solidariedades de uma rede internacional que reflecte em conjunto, partilha artigos entre si, constitui arquivos multilingues, etc.

Será da maior importância que projectos alternativos como este e muitos outros surjam e sobrevivam a esta crise. Como bem sabemos, quando o campo do jornalismo não garante o pluralismo da informação e da opinião, quando a explicação está ausente e a investigação não fala daquilo que os poderes não querem que se fale, quando o que se publica não suscita dúvidas e vontade de saber mais, a democracia fica perigosamente empobrecida. Porque se afunila o campo dos pensáveis e, com isso, o dos possíveis. ■

B

Konstantinos Karikis é jornalista na Rádio e Televisão da Grécia (ERT), o serviço público encerrado no dia 11 de Junho pelo Governo grego. Karikis trabalha na ERT desde 1997 e foi um dos muitos trabalhadores que se

manteve nas instalações do serviço público de rádio e televisão, mantendo a emissão através da Internet, contrariando as ordens do Governo e lutando pela manutenção da ERT e pela preservação dos postos de trabalho dos jornalistas e restantes trabalhadores da estação.

O Governo grego decidiu encerrar a televisão pública, justificando o acto com a necessidade de cortar na despesa pública. Como é que reages a esta justificação? A existência de uma televisão pública é essencial para o funcionamento democrático?

Essa é uma mentira absoluta, que nem o Governo consegue defender. O primeiro-ministro [Antonis] Samaras foi o primeiro a admitir publicamente, numa entrevista dada a um jornal grego, que depois de perceber que não conseguia encontrar forma de despedir 2000 trabalhadores do sector público, a única solução foi encerrar a ERT e despedir aqueles funcionários todos de uma vez. Por outro lado, a ERT não recebia nenhum dinheiro do orçamento do Estado; a companhia era financiada por uma taxa paga através da conta da electricidade e mesmo com os altos salários que alguns recebiam, era uma companhia rentável. Alguns líderes da Nova Democracia já admitiram publicamente (um deles em entrevista em directo a uma televisão regional grega) que os trabalhadores da ERT não eram grandes apoiantes do Governo de [Antonis] Samaras... Estima-se que o encerramento da ERT vai criar um buraco de 150 a 300 milhões de euros, dinheiro que terá de ser pago pelo Estado (que nem sequer financiava directamente a ERT com o orçamento estatal, como já expliquei).

Uma televisão financiada publicamente é a única forma de termos televisão independente. Num mercado mediático abalado pela

crise, os meios privados estão sujeitos a toda a espécie de pressão política e económica, nomeadamente através dos créditos bancários. Uma televisão pública gerida correctamente não está sujeita a isso. O risco para a democracia é grande, já que 90% das estações televisivas privadas mantiveram uma agenda pró-memorando da Troika, quer como um 'mal necessário', quer como uma espécie de benção contra os ecos do último feudo comunista da Europa. A ERT não era contra o memorando, claro, mas tentava ser justa e equilibrada em relação a isso.

Depois da decisão do Governo, os jornalistas e outros trabalhadores da televisão grega decidiram ocupar as instalações e continuar a emitir.

Nós não decidimos ocupar as instalações; somos trabalhadores legítimos da Rádio e da Televisão nacionais e o que decidimos foi ignorar a decisão ilegal do Governo e manter a Rádio e a Televisão públicas a funcionar. E é isso que continuamos a fazer. Agora chegámos a um ponto crucial em que temos de lutar para manter a ERT e, ao mesmo tempo, para negociar o nosso futuro. Já somos menos do que no início, mas estamos aqui, lutando e negociando. Até ver, não desistimos.

Será possível criar uma rede alternativa de jornais, rádios e televisões que ofereçam bom jornalismo sem a intervenção dos grupos económicos que hoje dominam a comunicação social? E que papel teriam as redes sociais e as informações que nelas circulam nesses órgãos de comunicação?



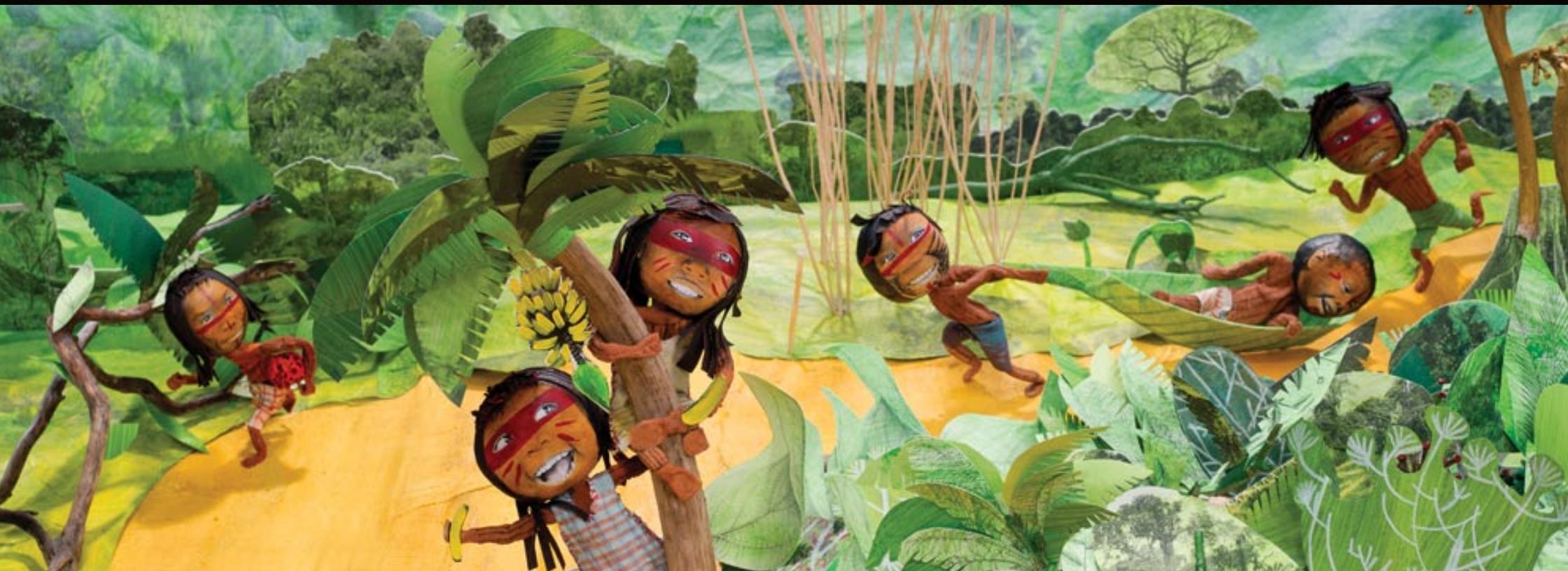
Claro que sim. A Internet oferece um imenso espaço para ideias e práticas que podem ajudar a sociedade a desenvolver-se e a melhorar. As redes sociais fornecem uma plataforma para comunicar notícias e ideias sem a necessidade de grandes campanhas de comunicação ou de créditos bancários. A publicidade boca-a-boca pode ser a resposta ao domínio dos meios de comunicação pelas multinacionais. Mas é preciso frisar que as redes sociais não podem ser consideradas fontes jornalísticas adequadas. Podem ser um suporte, acrescentar algumas provas, melhorar a rede de informações de um jornalista, mas não são fontes. Certo é que só quando temos jornalistas pagos de modo justo e cumpridores do código deontológico é que podemos ter notícias em condições. ■

infantil e juvenil

em em
viagem em

andrea brites

Em julho viajamos em busca da identidade e do jogo de opostos com o projeto *Encontros*, que Margarida Botelho levou a Moçambique e à aldeia Kararaô, na Amazónia. Da FLIP chega-nos uma cobertura



especial do Festival, feita pelos jovens repórteres da FLIPzona. Com Danuta Wojciechowska e Joana Paz, percorremos Portugal, num guia pensado para pequenos viajantes. Boa viagem!



- Hum, hum... que fome!
Tenho de ir buscar mais lenha para o fogão;
a mandioca ainda coze, vou pilar a farinha, preparar a galinha,
ralar o coco, descascar os amendoins...

puc, pac, puc, pac, puc...
cocorococó! cocorococó!
rshe, tshic, rshe, tshic, rshe, tshic...

- Chegou a hora do **ALMOÇO!**



- A mangueira é a maior
ÁRVORE da aldeia! Uau!
- Vamos subi-la!
- Que mangas deliciosas!
- Eles estão à nossa espera
para brincar...



EU SOU O OUTRO

Estamos a subir o rio Iriri numa voadeira (barco a motor) com a mochila cheia de livros em branco, mantimentos, disponibilidade, pincéis, tintas e vontades. Levamos um diário em branco com uma frase de saudação em Kayapó: «mey kome rey», aprendida de véspera. No dia 30 de julho entrámos para o outro lado do mundo; o do início dos tempos, da altura em que os rios eram a casa sagrada dos deuses. À medida que nos afastamos da cidade, vamos entrando na Amazónia dos documentários da BBC, da floresta verde das gigantes castanheiras, da água límpida que é habitat dos tracajás (tartarugas de rio) e dos milhares de seres minúsculos e maiúsculos que vivem neste ecossistema plural há milhares de anos.

Após cinco horas de contemplação, aportámos na praia da aldeia kararaô. A primeira imagem logo ela impressionante: dezenas de borboletas de asas muito grandes amarelas esvoaçam na margem do rio. As «ué-ués», como lhes chamam os Kayapós, evocam liberdade e beleza. Na praia, todos os habitantes (à volta de sessenta) vêm ver quem chega da «rua», expressão usada para quem vem de barco da cidade. Depois de muitos «mey komo reys», começamos a olhar para as crianças da aldeia: são à volta de vinte; de um mês até aos doze anos de idade. Intuímos que será um

fotografias da Amazónia **Mário Rainha Campos**

bom grupo, poderemos fazer um trabalho coletivo, mas também dar atenção personalizada.

A empatia começa a nascer, entre olhares e livros com cores e formas diferentes que vão saindo das mochilas dos «brancos que vieram de longe», designação com que somos batizados. E é assim neste encontro de mundos que começa a nossa experiência de resgate cultural com as crianças kayapó em Kararaó.»

*página do diário pessoal de Margarida Botelho
e Mário Rainha Campos*

● Projeto *Encontros*

Quando Margarida Botelho concorreu, em 2009, às bolsas do Inov-Arte, atribuídas a projetos de criação artística pela Direção Geral das Artes, *Encontros* ainda era um embrião do que veio depois a representar. A ideia inicial era a de construir, com a comunidade infantil do campo de refugiados do Maratane, no Norte de Moçambique, um diário gráfico, individual e coletivo. A partir dessa recolha da experiência quotidiana das crianças, a artista, mediadora de leitura e educadora pela arte criaria um livro que documentasse alguns elementos de uma rotina muito



distante da das crianças europeias e que em simultâneo dela se aproximasse, num encontro de diversidade e identidade.

Assim nasceu *Eva*, o primeiro livro da coleção POKA POKA-NI, a que se sucedeu *Iara*, estando já em preparação *Sadana* e esperando-se ainda, pelo menos, um quarto volume, que resultará de uma viagem a Timor que Margarida vai iniciar em setembro.

Mas nada é tão óbvio e linear numa experiência de partilha e integração tão intensa. Ao escolher viver com cada uma das comunidades com quem trabalha, a autora tem de fazer mais do que adaptar um discurso, tem de se integrar, ser aceite, abdicar dos seus hábitos sem rejeitar a sua identidade.

«Como são lugares isolados e nada turísticos quando chego já sou algo que desperta a curiosidade, o elemento exótico, e é essa a faísca que tento otimizar para começar a projeto. As coisas tendem a desenrolar-se de uma maneira muito orgânica quando começo a participar nas tarefas habituais da comunidade.», explica Margarida Botelho.

É um jogo de espelhos onde todos se veem mais ou menos refletidos, e que os livros pretendem mostrar.

No entanto, o embate no primeiro Encontro, em Moçambique, foi forte.

«Comecei o projeto carregada de planos, objetivos e ideias pré concebidas, e a realidade do encontro fez-me descarregar toda essa bagagem que me impedia de mover, de encontrar o que mais tarde encontrei. Aprendi muito sobre os outros (o campo tinha 5.000 refugiados com dezenas de nacionalidades e etnias africanas, logo dezenas de línguas diferentes), aprendendo muito sobre mim. Ali

estava eu sem os recursos da escola da cidade, sem artifícios, com ferramentas escassas, estava comigo e com o que eu sabia até então. Estava acima de tudo perante esse grande estímulo criativo que é o Desconhecido.»



o longo de quase um ano, Margarida Botelho viveu no campo de refugiados, integrando-se nas tarefas da comunidade, partilhando e propondo. Assim foi descobrindo as dinâmicas que lhe permitiram conhecer os outros e convidá-los a participar em atividades de expressão plástica, dramática e de escrita, com vista a registarem precisamente esse quotidiano, que não se limita à sucessão de tarefas, mas igualmente às expectativas, desejos, relações, emoções. Também ela registava no computador o seu próprio diário, como fez em todos os *Encontros*. Sem esse registo, o projeto não teria sentido, porque o diálogo tem de ser efetivo e real.

«Eu olho para o outro pela maneira como o outro olha para mim, é um processo de aprendizagem horizontal, para além dos livros/ diários que são produzidos durante a minha estadia. Tento entrar o mais possível dentro da rotina da comunidade: tarefas diárias como cultivar alimentos, ir buscar água, cozinhar, pescar, conversar, brincar fazem parte de um processo muito rico de troca e encontro. Esse é talvez o meu maior compromisso com as pessoas com quem estou (onde eu própria me incluo): um respeito pela



sua cultura e pelos seus valores, o oposto de uma proposta impositiva, invasiva, alfabetizadora.»

Para Moçambique, tal como para a aldeia indígena da cultura Kayapó, na Amazónia, ou para Goa, Margarida levou cadernos, papel, tintas, lápis e canetas como principal recurso, e em cada local montou espaços próprios para a criação. Os resultados dependeram dessa constante adaptação, mas comum a todos foi a receptividade dos adultos que, ao ver os primeiros trabalhos das crianças, começaram a acercar-se do grupo, com curiosidade, acabando por também eles criarem os seus registos como se de uma necessidade se tratasse.

«Por exemplo na aldeia indígena Kararaó na Amazónia, o dia era dividido em muitas tarefas habituais de uma aldeia indígena, que aconteciam em vários espaços. Foi muito importante para o desenvolvimento dos Encontros quando eu e o Mário organizámos o espaço do fazer e criar os livros: no chão colocámos uma lona, e com fio de nylon montámos uma parede que funcionou como uma galeria das pinturas que eram produzidas todos os dias, isso fez com que o espaço fosse visitado e usado não só pelas crianças, mas também pelos adultos que começaram a querer fazer o seu livro. Esse espaço começou a significar essa nova tarefa: a criação do livro.» Em Moçambique, alguns adultos refugiados chegaram a relatar, através de desenhos e textos, episódios de fuga, absolutamente marcantes na sua vida, e que os tinham conduzido ali. Margarida relata que muitos destes testemunhos nunca tinham sido verbalizados, o que atesta o poder destes momentos criativos que

eram também encontros entre os participantes do grupo, crianças e adultos, e encontros de cada um consigo, com a sua história, com a forma como vê a sua vida.

De onde vem o financiamento?

Encontros não tem um financiamento permanente. No caso de Moçambique, foi a bolsa do Inov-Arte que sustentou o projeto, mas no caso do Brasil foi a editora brasileira da autora que financiou as viagens. Em paralelo, Margarida Botelho e o fotógrafo e educador pela arte, Mário Rainha Campos, que a acompanhou no Encontro na Amazónia e também irá para Timor, fizeram uma reportagem sobre esta experiência para uma revista brasileira, o que supriu outras necessidades logísticas. Como Margarida trabalha neste projeto em regime de voluntariado, os apoios que consegue angariar destinam-se exclusivamente às viagens e a alguns bens essenciais. A Fundação Oriente apoiou o Encontro de Goa e será financiadora do Encontro de Timor.

Para além destas instituições, acontecem algumas parcerias com ONGs, no terreno, durante o período em que Margarida vive com as comunidades. Por isso, e apesar de acreditar que esta matriz poderá ser replicada em muitos outros países, nomeadamente africanos, tudo depende, sempre, dos apoios que vai conseguindo.



No terreno, as limitações são de outra ordem, materiais e humanas. A mediadora considera que esses imprevistos e acidentes devem ser integrados e vistos como desafios. Foi assim que um refugiado congolês do Maratane, perante a ausência de papel, e necessitando de escrever, foi procurar todos os suportes viáveis, que encontrou em embalagens, papéis soltos, senhas...

Com os Kayapó, uma chuva torrencial destruiu irremediavelmente o papel disponível. Então, o grupo começou a desenhar em carapaças de tartarugas, comum lixo orgânico no local.

Contudo, a maior limitação com que Margarida se defrontou foi de ordem cultural, e foi preciso identificá-la para a poder integrar com sucesso.

«Durante as primeiras sessões que fiz no campo de refugiados quase não havia meninas, raparigas, nos grupos. Não percebia porque é que nos primeiros dias havia tantas sempre ao meu redor e quando comecei o projeto deixaram de aparecer. Tudo isso aconteceu porque numa atitude automática eu disse que ia trabalhar apenas com crianças a partir dos 5, 6 anos. Era muito difícil gerir, num espaço aberto, tantas solicitações de crianças de diferentes idades, mas ao dizer isto e sem saber, excluí as meninas, porque muitas delas, a partir dos 6 anos, têm como tarefa cuidar dos irmãos mais novos. Foi muito marcante para mim o dia em que isso mudou, porque mudei as regras. Elas vieram com os bebês nas capulanas e outros pela mão e fizeram uns livros/ diários maravilhosos. Tenho uma grande admiração por aquelas crianças-meninas.»

Os Livros



a língua macua do norte de Moçambique, quando o contador de histórias começa a contar diz para a audiência: «POKA!». Se a audiência estiver pronta responde: «POKANI!» É um jogo de palavras que introduz a história e também valida a posição do contador, geralmente o ancião da comunidade.»

Assim nasce o nome da coleção, dentro de *Eva*, o seu primeiro livro.

Eva apresenta alguns momentos do quotidiano das crianças do Maratane, a par com o das crianças de Portugal (previsivelmente, embora sem nunca ser dito). As gotas de água que enchem termos, garrafas e garrafões no campo contrastam com a banheira cheia de água que convida ao banho, mas as sensações de prazer que a sua frescura causa são semelhantes. Em ambas as geografias há livros da escola, uns abundantes e totalmente preenchidos, no final do ano, outro acabadinho de chegar, para partilha entre o grupo. As refeições também são diferentes: no campo de refugiados, é o lume a lenha que cozinha a galinha, com coco, amendoins e farinha de mandioca. Na cidade, entre uma infinidade de eletrodomésticos, é a eletricidade do micro-ondas que aquece uma comida congelada. No campo, as crianças sobem à mangueira, que dá sombra, paisagem e frutas deliciosas. Na cidade, as crianças sonham em subir ao plátano e compram jogos no supermercado. As outras, aproveitam arames e latas para construírem carros e bicicletas. No final de cada parte, quase a encontrarem-se, as crianças ouvem uma história,



pela voz de um ancião, ou de dentro de um computador. O encontro dá-se pela televisão, a meio do livro, em duas páginas que se desdobram numa espécie de jogo da glória onde o leitor precisa de um par, para conseguir unir-se a ele, numa das casas do jogo.

O texto é simples, reduzido ao essencial, reproduzindo emoções e entusiasmos das protagonistas. A técnica da ilustração, que usa fotografias do rosto das crianças com quem Margarida esteve no Maratane, e outras de crianças que vivem no hemisfério norte, é muito rica em cor, movimento e sensações. São as colagens de papéis com texturas diversas, as fotografias, a ilusão tridimensional, a utilização de materiais reciclados que acrescentam muita informação a este registo, que se deseja documental.

«Os livros são um pouco como filmes documentários, daí também ter optado por ilustrações com um formato panorâmico. A fotografia remete para o que é real, e por isso o livro tem a fotografia dentro da fotografia, (os personagens de corpo fictício têm a sua fotografia no rosto). Penso que esta opção reforça o lado biográfico e documental da proposta narrativa.»

Em *Yara-Iara*, o processo é idêntico, descrevendo um dia do quotidiano de Yara, a menina kayapó, com os seus amigos, a sua família e a comunidade. O pequeno-almoço, a sucessão de tarefas que as crianças realizam com responsabilidade e prazer, e a festa da Lua Cheia, com os seus preparativos e rituais. Ao invés, a menina Iara, que tem a mesma cara de Eva e vive numa cidade que pode ser Lisboa, usa o seu computador na aula de estudo do meio, brinca no esplanada do recreio da escola e joga playstation com os amigos. O dia termina com o seu aniversário.



Margarida compõe sem redundâncias o ambiente urbano da menina europeia, acrescentando elementos aos do primeiro livro, e essa será uma eventual dificuldade a cada novo volume. Se as crianças autóctones têm hábitos e comportamentos desconhecidos das portuguesas, o mesmo não se verifica quando a criança portuguesa lê o dia a dia de outra criança portuguesa.

No entanto, os livros não são criados a pensar no leitor português, e sim nos leitores de todos os locais e países onde Margarida desenvolve este projeto. Por isso, é tão relevante mostrar uma como a outra realidade, nesse jogo de oposição e semelhança.

«Ambos os livros foram feitos já em Portugal e a partir de imagens, cenas que tinha trazido na memória, começaram sempre pelo lado do outro, no caso de Moçambique pelo lado da Eva moçambicana e no caso da Amazónia pelo lado da Yara indígena. Essas cenas correspondem a episódios que foram não só observados, mas também experienciados por nós, e essa experiência gerou uma reflexão e um espelho de opostos, quase como se fossem pistas a partir da infância em lugares opostos, para pensarmos todos sobre uma ideia de oposto filosófico: sobre como vivemos, como nos relacionamos com a natureza, com os outros, as nossas necessidades, rotinas e sonhos.»

Eva já chegou a Moçambique, embora não seja possível confirmar se a comunidade do campo de refugiados do Maratane já os

tem. No Brasil, *Yara-Iara* acaba de ser lançado em Belém do Pará. No entanto, a aldeia de Kayapó poderá nunca vir a receber o livro, se se consumir a construção da barragem hidroelétrica Belo Monte, no rio Xingu, que destruirá a aldeia.

De qualquer forma, Margarida Botelho, por vezes acompanhada por Mário Rainha Campos (fotógrafo e educador pela arte), tem intenção de não parar. O projeto poderá durar anos, intercalado com outros que a mediadora e autora continuará a desenvolver noutros contextos. Não tem prazo de validade nem limites espaciais.

«O projeto *Encontros* tem uma metodologia de atuação, que foi sendo construída ao longo dos anos. Foi-se cosendo uma matriz. Mas é quando o projeto começa a ser renomeado em cada lugar e a transformar-se naquilo que cada um interpreta e necessita, que se torna realmente eficaz como processo transformador. A valorização, a validação, a dignificação de culturas minoritárias e das culturas tradicionais é sem dúvida um compromisso do projeto «Encontros» e meu enquanto cidadão. Encontro na arte-educação uma ferramenta justa para o exercício desse compromisso. A última coisa que gostaria de fazer no projeto *Encontros* seria ensinar. O projeto *Encontros* é para ser sempre aprendiz!»



Notícias da Flip

A

11.ª edição da Flip, Festa Literária de Paraty, decorreu entre 3 e 7 de julho. A cobrir todo o festival esteve a equipa de 60 jovens repórteres da FlipZona, uma iniciativa cultural e social da Associação Casa Azul, que também já vai na 5.ª edição. Para além da cobertura da Flip, estes jo-

vens, com idades entre os 12 e os 20 anos, participam em atividades artísticas ao longo do ano, sendo também estabelecidas parcerias com as escolas locais.

No seu blogue, registam-se esses momentos, com especial enfoque para tudo o que acontece durante a Festa: conversas, mesas redondas, encontros com autores e especialmente o ambiente que se vive em Paraty.

A Blimunda convidou a redação da Central FlipZona a colaborar neste número, oferecendo assim ao leitor uma outra perspetiva do festival. Aqui se apresentam uma crónica, uma entrevista ao ilustrador Eloar Guazzelli e uma reportagem sobre uma mesa com o autor Paulo Scott.

A Blimunda agradece o profissionalismo da equipa; e convida os leitores a visitarem o blogue da FlipZona, para continuarem a leitura.

➔ **FLIP**



**A experiência de ser ‘jornalista’ na Flip
por Marianne Aggio, 17 anos**

A Flip transforma as pessoas

Quem já visitou Paraty em épocas diferentes – a época «flipense» e a «não-flipense» – sabe que a festa literária transforma a cidade. Mas, por que não dizer, também transforma quem vive por aqui.

Comigo não foi diferente. Conheço a Flip há vários anos, mas sou moradora de Paraty há apenas cinco meses. Vivendo

aqui durante a festa eu percebi que as influências que um evento dessa grandiosidade podem ter em uma pessoa, se ela permitir, são enormes.

Esse movimento «flipense» já começa na escola. Quando o autor homenageado do ano é escolhido, os professores iniciam os trabalhos em cima de sua obra. Fazem leituras, organizam peças teatrais e apresentações musicais. Mas até fora da escola não é diferente: todo mundo quer ficar por dentro da vida do autor, e cada um se prepara da forma que pode. Em 2013, o escolhido foi Graciliano Ramos.

Já nas semanas que antecederam a Flip, não só eu, mas todos os alunos da FlipZona, saímos às ruas para fazer entrevistas com o público. O tema? Sempre ligado, direta ou indiretamente, a Graciliano, é claro. No começo da semana em que aconteceu a festa, na segunda-feira, dia 1.º, foi dada a largada para a grande correria. Foram

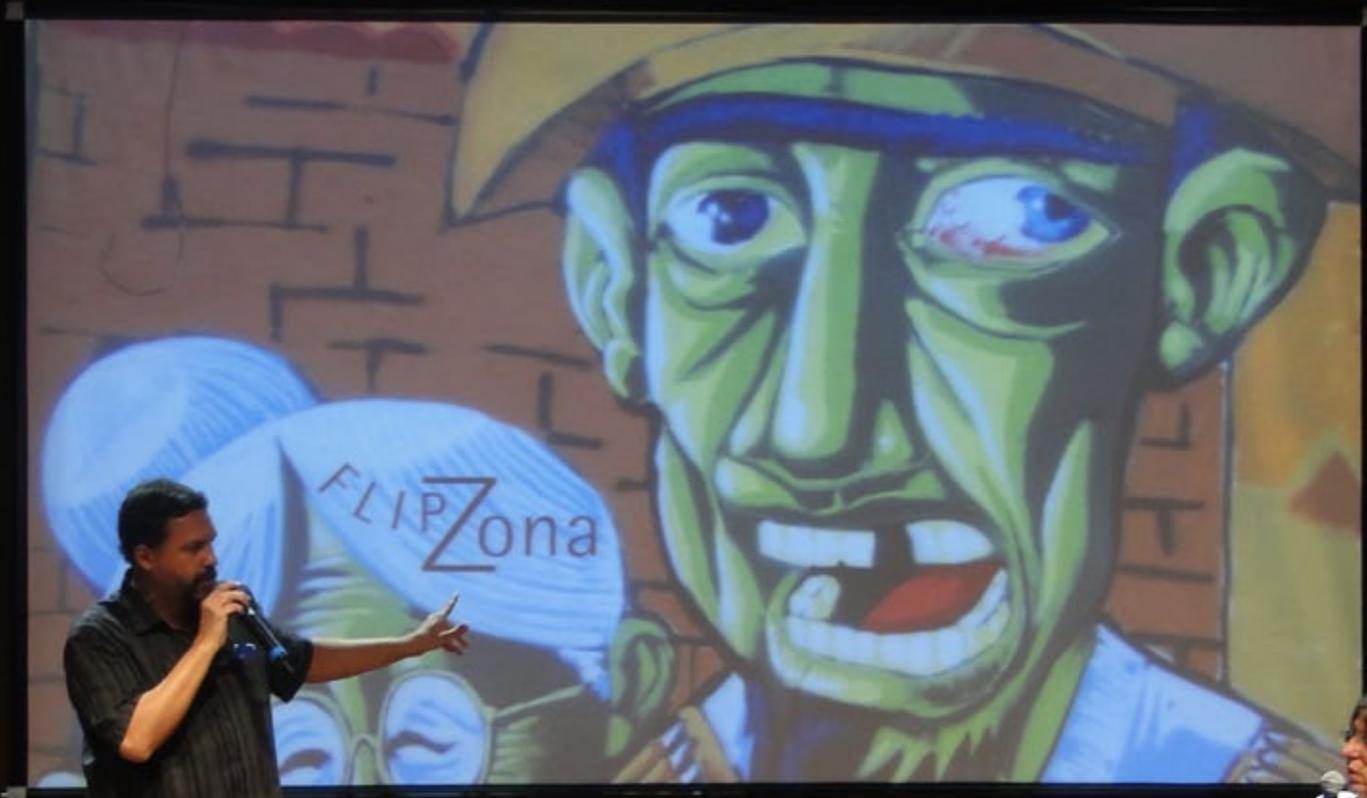
correrias atrás de temas para abordar durante o evento, quem seriam os autores e convidados que poderíamos entrevistar, entre outras.

Por ter tido a oportunidade de trabalhar na FlipZona – que, para quem não sabe, é o braço da Flip destinado aos jovens – ganhei experiências em diversos ramos. Fotografei, filmei, editei, escrevi, enfim, me comuniquei com as pessoas. Pude ver várias mesas na Tenda dos Autores – que acolhe a programação principal – nesta edição. Alguns encontros, como o que a cantora Maria Bethânia e a professora Cleonice Berardinelli recitaram poemas de Fernando Pessoa, me marcaram mais do que, por exemplo, a mesa em que o diretor Eduardo Coutinho falou sobre suas obras.

Além disso, fiz novas amizades com pessoas que eu nunca imaginei fazer. Pude conhecer um dos escritores estrangeiros de que mais gosto, Nicholas Sparks – coisa que nunca tinha nem sequer passado pela minha cabeça acontecer um dia.

Quando me perguntam como foi participar da Flip neste ano, digo que foi uma experiência única, digna de nunca ser esquecida. Ao citar que o evento me transformou, não quero dizer que ele mudou minhas concepções sobre o mundo. Mas certamente me permitiu conhecer outras opiniões e, também, outras pessoas.

Espero que todos possam um dia passar pelo que eu passei ou, pelo menos, estar em Paraty durante a Flip. Como já disse antes, mas creio que vale a pena repetir, o evento transforma as pessoas. Para melhor. De verdade. Creio que todos precisem viver transformações, pois permitem que tenhamos acesso a novos ares, por assim dizer. E quem é que não gosta disso, não é?



Paulo Scott

**Mesa: Teatro, música e literatura
por Emanuel Linhares, 17 anos**

‘Meu sonho mesmo era ser ator’, revela Paulo Scott

Música, literatura e arte foi o tema de um dos encontros mais aguardados da 5.^a edição da FlipZona, programação voltada aos jovens na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). O convidado foi o renomado escritor brasileiro Paulo Scott, que também integrou uma das mesas principais da Flip. A mediação foi de Marcos Maffei. O encontro de sábado, dia 6 de julho, correu de forma leve e descontraída no Auditório FlipZona, na Casa da Cultura.

De início, um vídeo de Scott mostrou um pouco de todas as suas obras e projetos. A ênfase estava em *Ithaca Road*, livro lançado durante a 11.^a Flip. A obra tem uma linguagem contemporânea, com traços de romantismo, em que os personagens se encontram em situações adversas e precisam aprender a lidar com elas.

Falou também sobre o projeto *Na Tábuca*, de ilustradores que retratam com desenhos alguns trechos de seus livros. Outra empreitada que mereceu atenção foi a peça de teatro que está escre-

vendo, em que a protagonista será sua própria esposa. «Além de marido, sou companheiro de trabalho», disse ele.

«Meu sonho mesmo era ser ator e músico, pois amo o palco. Mas como me faltou habilidade e dedicação, não foi possível realizar.»

Entretanto, a paixão pela música não fica de fora de seus projetos. Scott criou a «Orquestra Literária» em parceria com a banda «A timidez do Monstro», que mistura literatura e música. Enquanto o autor lê trechos de alguns poemas de sua autoria, a banda opera uma ponte com guitarra e contrabaixo com traços eletrônicos. A Orquestra foi lançada no Espaço Itaú Cultural, em São Paulo, e foi um grande sucesso.

A plateia teve a oportunidade de fazer perguntas ao autor. Uma delas veio de Paulo, de 42 anos, que quis saber se os lugares e experiências abordados na mais recente obra tinham sido vividos por ele. «Não. Todas essas histórias são decorrentes de autores que passaram trinta dias em lugares escolhidos e depois, com a vivência de cada um, eu adaptei de uma forma resumida e criei uma história em cima delas», respondeu o escritor.

Curiosa sobre o relacionamento de Scott com sua terra natal, o Rio Grande do Sul, e a cidade onde mora atualmente, o Rio de Janeiro, a gaúcha Karen, de 36 anos, quis saber se ele pretende voltar às origens. A resposta veio com certo sarcasmo, ao que o autor citou uma tirinha engraçada que falava justamente sobre as diferenças culturais presentes nas regiões brasileiras, e finalizou: «Essa diferença cultural me fez reavaliar sobre a minha trajetória de vida. Atualmente eu ficarei no Rio, mas não deixarei de visitar minhas raízes.»

Já no finalzinho da mesa, Scott comentou sobre parte do período ditatorial no Brasil, quando tinha 17 anos. Falou sobre sua passagem pelo exército, em que presenciou um preconceito absurdo contra os negros, por um militar. Disse que isso lhe gerou grande revolta e acabou virando poema. O autor ainda distribuiu alguns livros para o público e tirou fotos, esbanjando simpatia e casualidade.

**Mesa: Grafite, quadrinhos e afins
por Daniela Marsico, 12 anos,
e Aline de Oliveira, 14**

“Desenhei até o parto da minha filha”, declara Guazzelli

Grafite, quadrinhos e afins» foi o tema da primeira mesa da FlipZona que contou com os ilustradores Eloar Guazzelli e Meton Joffily, num bate-papo interessante e divertido. Meton é ilustrador, animador e grafiteiro. Já teve suas animações traduzidas para mais de dez línguas incluindo italiano e francês.

Guazzelli é, além de ilustrador, quadrinista, artista plástico e wap-designer. Teve seu trabalho consagrado no universo dos HQs

e já foi premiado em salões importantes, como o Yomiure International Cartoon Contest, no Japão (1991).

Durante o encontro, os artistas mostraram um pouco de seus trabalhos e tivemos a oportunidade de entrevistar Guazzelli, ao final do debate.

O que você tem a nos dizer sobre você? Quem é Guazzelli?

Eu sou um sujeito que ama desenhar. Desenho em diversas plataformas: para cinema, para literatura infantil, para adulto, história em quadrinhos, humor, *charge* e *cartoon*. Participei de vários festivais. Não chega a ser uma profissão, mas eu ganhei até prêmios! Então é uma coisa que eu gosto de fazer. Eu gosto de fazer *cartoon* sem palavras, sou basicamente um desenhista. Sou formado em artes plásticas, que é um nome muito pomposo. Na verdade, sou Bacharel em Desenho, sou professor, mas isso pode não ser nada, porque pode ser ruim em várias coisas.

E sua vida fora do desenho, como é?

Ainda bem que eu tenho uma vida. Eu tenho uma mulher, dois filhos, sou uma pessoa que age politicamente, vive. Mas nunca consigo separar do desenho. Por exemplo: eu tenho um bloco de desenho onde eu desenho meu filho, estou desenhando eles crescendo. A minha filha quando nasceu, eu fui desenhando ela bebê e fui acompanhando. E agora eu desenho junto com ela. Eu tive a maior alegria porque há dois dias meu filho me pediu uma folha pra desenhar. E eu disse, «nossa vamos lá, vamos desenhar, está ficando legal». Evidentemente que eu tenho uma vida que não passa pela minha profissão, mas é diferente da vida da maioria das pessoas. Quando estou de férias eu continuo desenhando,

mas aí eu não tenho compromisso, não tenho cliente. E também tem outro lado. Tem gente que pensa que é só alegria, mas tem cliente chato, que não entende teu desenho, tem pessoas que não valorizam.

Você contou que começou a namorar aos quinze anos. Por que nessa idade?

Porque, como vocês notaram, eu era meio maluco e naquela época as meninas eram bobas e não sabiam que os meninos malucos eram os mais legais. Mas depois isso foi consertado e namorei bastante. Estou com minha mulher aqui, acho que ela gosta de mim.

Você mencionou o socialismo. Você é socialista?

A única coisa que eu posso dizer é que acho a ideia do socialismo muito boa, mas como todas as ideias muito boas, a sociedade tem um perigo muito grande. Mas acho o socialismo uma ideia libertária.

E qual é seu sonho?

O sonho de todo desenhista é ter um reconhecimento e o reconhecimento não é exatamente o sucesso fácil. Por exemplo, já estou realizando parte do meu sonho, que é estar viajando pelo meu trabalho, aproveitando um dia lindo como este.



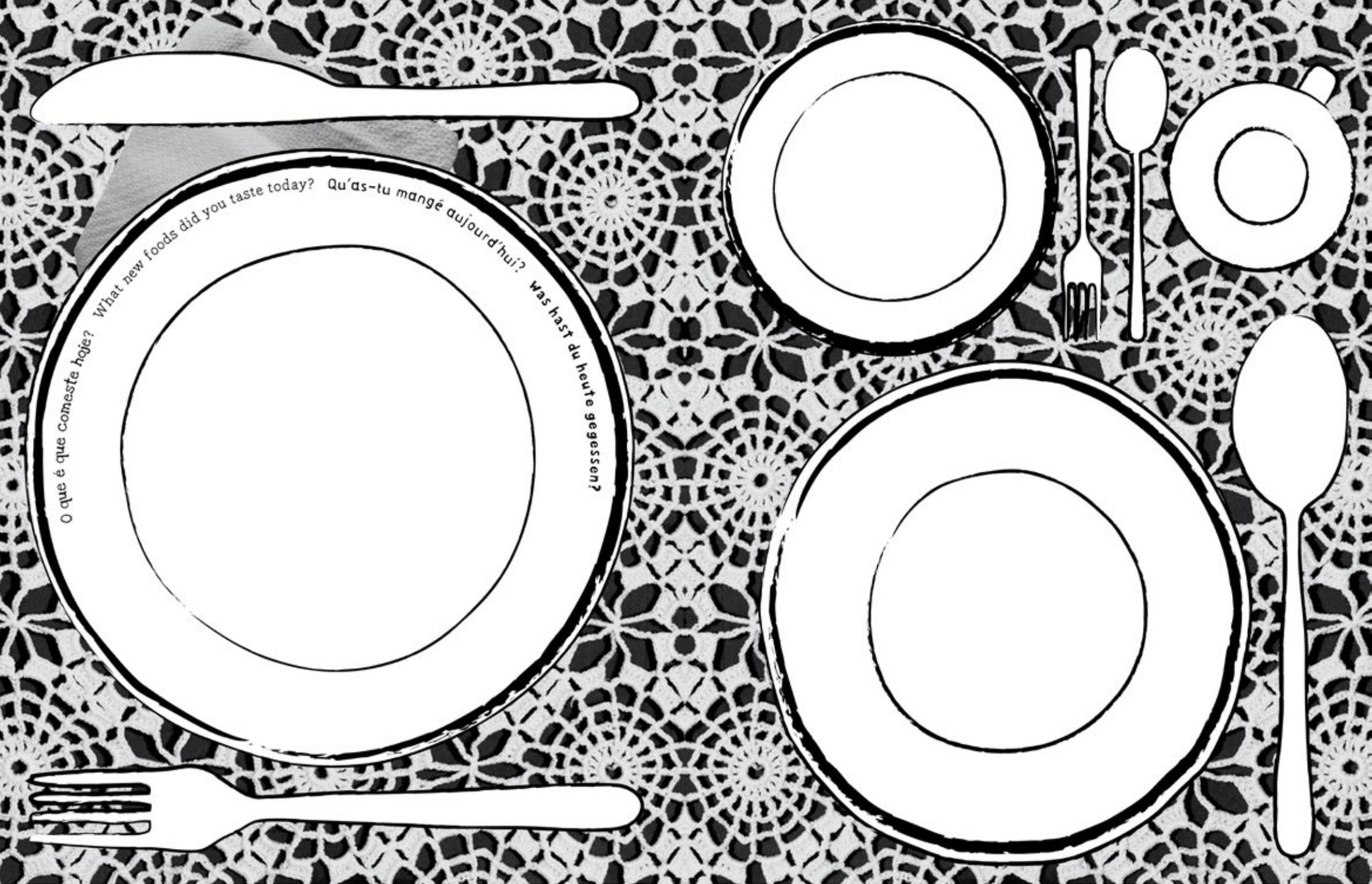
Tenda do Telão – Gilberto Gil

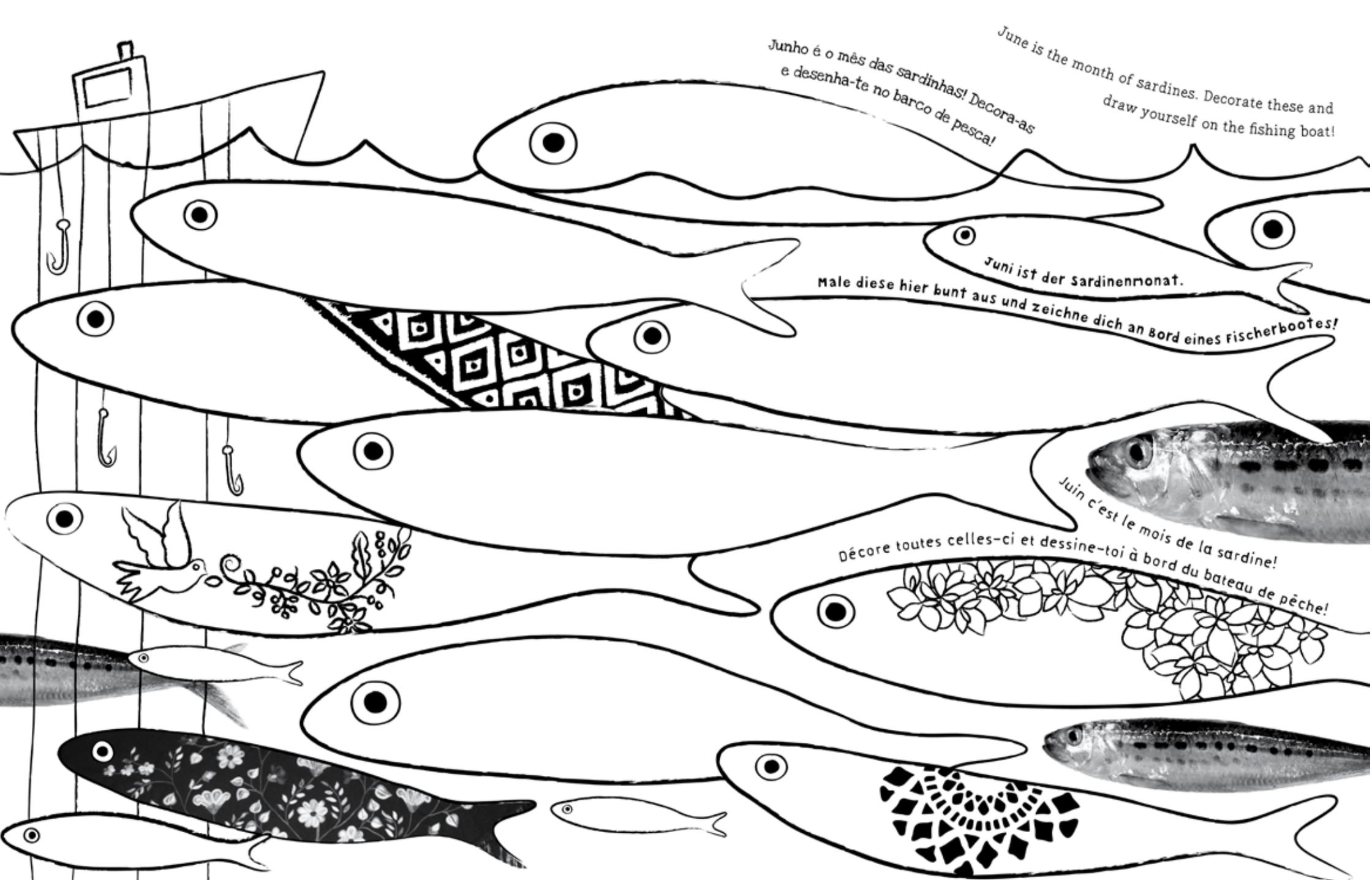
Um guia do olhar

Portugal para crianças foi pensado para todos os que viajam pelo país, sejam portugueses ou estrangeiros. Por isso, os desafios que orientam o pequeno leitor a cada página dupla, para ilustrar, pintar ou completar informações, estão escritos também em inglês, francês e alemão. O livro parte do conceito de identidade, e nunca o abandona. Se no início esta é individual, com os dados de identificação e o autorretrato, em seguida são episódios, figuras e lugares da História de Portugal que ganham protagonismo.



Portugal para Crianças
Danuta Wojciekowska e Joana Paz
Lupa Design





June is the month of sardines. Decorate these and draw yourself on the fishing boat!

Junho é o mês das sardinhas! Decora-as e desenha-te no barco de pesca!

Juni ist der sardinenmonat. Male diese hier bunt aus und zeichne dich an Bord eines Fischerbootes!

Juin c'est le mois de la sardine! Décore toutes celles-ci et dessine-toi à bord du bateau de pêche!

D. Afonso Henriques e o castelo de Guimarães ombreiam em importância com pegadas de dinossauro, mosaicos romanos, os monstros marinhos dos descobrimentos, Camões, a estátua de Fernando Pessoa, em frente a um dos mais emblemáticos cafés de Lisboa, A Brasileira, no Chiado, ou a Revolução do 25 de abril de 1974.

No entanto, o livro de atividades não se esgota nessa visão restrita da história, desafiando as crianças a observar e recriar símbolos etnográficos e folclóricos, como o galo de Barcelos, as casas típicas, os manjericos ou os estendais com roupa estendida.

Também a fauna e a flora têm o seu lugar na descrição de um espaço que se relaciona com cada um, seja porque ali vive ou porque ali descobre algo novo. Por isso, a partir de pistas visuais, desafiam-se os leitores a adivinhar que árvores se espalham nas páginas, sugerindo-lhes que criem um herbário. Podem, mais à frente, completar o contorno de alguns animais, alguns deles em vias de extinção, como o lince ibérico.

Ainda há espaço para o quotidiano, e para tudo o que nele cabe. O que se encontra num passeio pela praia? E num prato de comida?

O ciclo fecha-se regressando ao leitor, à sua experiência, retomando sempre um princípio muito caro a Danuta Wojciechowska: o da observação de tudo o que nos rodeia, e que vai do mais ativo e esplendoroso monumento ao irrisível e ínfimo elemento do dia a dia, com o mesmo grau de atenção e curiosidade.

Depois de criar figuras ou objetos a partir de rolhas de cortiça e de desenhar rótulos em garrafas de vinho do porto, o leitor ilustrador é convidado a registar o que viu e os locais onde esteve. A terminar, um espaço para notas, com algumas páginas em branco.

O livro é essencialmente composto por imagens, a maior parte desenhadas a traço preto, sem um rigor figurativo que amedronte ou limite em excesso o potencial ilustrador. Algumas fotografias imprimem uma proximidade à realidade, pelo efeito de representação e reconhecimento que causam, mantendo todavia incólume a intenção de que a criança acrescente sempre a sua marca visual ou escrita.

A total ausência de cor consiste no primeiro desafio, que é o da escolha subjetiva e livre para cada desenho. Nesta neutralidade reside um pressuposto muito interessante, o de que cada um pode decidir sobre a relação que quer estabelecer com o que ali se representa, e se seguirá fiel ao que os olhos e a memória retiram do mundo, se prefere reinventá-lo, ou se, consciente ou inconscientemente, fará um pouco das duas coisas.

Por isso, as instruções não cedem a informações acessórias ou a dar múltiplas pistas. Apenas o essencial, de modo muito objetivo.

Quase no final, as dicas para os pais têm informações sobre os locais onde se podem visitar ou encontrar pinturas rupestres ou vestígios megalíticos, bem como pequenos monumentos em destaque, que se relacionam com informações que constam no guia. Este, que pretende ser um registo dos encontros da viagem, reforça a sua intenção de estar intimamente ligado à experiência vivida. Embora não seja essencial vivê-la para que a criança possa pintar e desenhar nas suas páginas. Será, em qualquer caso, um diário gráfico, sem data marcada, uma recordação ou uma antecipação.

É um livro simples, na forma, no conteúdo. Todavia, importa que ao lê-lo o leitor adulto inventarie outras tantas situações, figuras, momentos, que ali não constam. Então rapidamente constatará que as autoras não cederam a paradigmas didáticos que saturassem o livro com informação, nem tão pouco o organizaram num único eixo de sentido. A identidade vai-se construindo, e o centro dela é o sujeito.

Danuta Wojciechowska e Joana Paz têm levado o livro a escolas, um pouco por todo o país. Ali, sempre com o volume em riste, destapam as iguarias que levam no cesto, e ali se descobre um pouco da realidade que querem ajudar a conhecer: uma raiz que parece um polvo, e tem de ser tocada, fósseis de formas e feitios diferentes, uma ou duas peças de loiça de Bordalo Pinheiro...

A ideia não se esgota na obra, preside-lhe, e a mediação da leitura funciona como criação de expectativas, um empurrãozinho para que o espaço, a cor, a forma, o corpo possam ser fonte inesgotável e permanente de criação.

Prémio nacional de ilustração para Ana Biscaia

A ilustradora e designer gráfica Ana Biscaia foi distinguida com o prémio nacional de ilustração, pelo livro *A Cadeira que Queria Ser Sofá*, com texto do brasileiro Clovis Levi e edição da Lápis da Memória.

O álbum reúne três pequenos contos sobre a morte como inevitabilidade e separação, recorrendo a antropomorfizações e sem abandonar o humor. A este sentido textual confere Ana Biscaia uma leitura visual totalizante, incluindo grafias manuscritas, balões de texto ou reproduções que remetem para a tipografia ou para o carimbo. Foi este aliás um dos argumentos apresentados pelo júri do prémio, para a sua atribuição: «O texto assume-se como ilustração, produzindo, em certas páginas, um corpo plasticamente orgânico e coerente. As qualidades pictóricas desta obra utilizam o livro enquanto objeto e formato, transgredindo os alinhamentos habitualmente impostos pela composição e paginação gráfica e tipográfica. (...) Esta obra exhibe um valor plástico arrojado na figuração e na representação alegórica da morte e da solidão, respondendo ao texto de forma simultaneamente coerente e desconcertante.»

O júri atribuiu duas menções especiais a Tiago Manuel, pelas ilustrações de *Mário de Sá Carneiro, Antologia Poética* (Faktoria K de livros/Kalandraka) e a André Letria pelas ilustrações de *Mar* (texto de Ricardo Henriques, Pato Lógico). Também mereceu destaque o livro *O Quebra-Cabeças*, com ilustração de Mariana Rio e texto de Helena Carvalho, das Edições Eterogêmeas, comprovando a observação do júri sobre a qualidade da maior parte das obras a concurso.

À 17.^a edição do prémio concorreram 78 obras editadas em 2012, com assinatura de 63 ilustradores.

Exposição de Livros Infantis na New York Public Library

A caba de abrir ao público, na New York Public Library, a exposição *The ABC of It: Why Children's Books Matter*. Com curadoria de Leonard S. Marcus, que tem desenvolvido um trabalho crítico acurado na área da ilustração e do livro para a infância, esta mostra pretende refletir, em simultâneo, sobre a importância dos livros infantis para o leitor em formação e para a sua identidade enquanto indivíduo. Igualmente, dá um especial enfoque à leitura, pelo livro, do contexto social e histórico da sua época. Assim, o livro infantil é apresentado como elemento fundador de memória, de afeto e de história individual e coletiva.

Entre as obras em exposição, conta-se o exemplar de *Alice no País das Maravilhas* que pertenceu a Alice Liddell e um volume das *Fábulas de Esopo*, ilustrado por Francis Barlow, datado de 1666 e que sobreviveu ao grande incêndio de Londres. Outros nomes, como o de Edward Lear ou Hokusai Katsushika, marcam presença.

A exposição está organizada por temas, entre os quais o da influência dos livros infantis noutras artes, a forte presença da propaganda política, a diferença entre a recetividade por parte de crianças e adultos e a eterna questão da qualidade do livro infantil.

Poderá ser visitada até março de 2014.

➔ NYPL

Carnegie e Kate Greenaway Medals

Foram anunciados, no passado mês de junho, os vencedores dos prémios CILIJ Carnegie e Kate Greenaway Medal, que distinguem, respetivamente, um escritor e um ilustrador de excelência de livros infantis ou juvenis.

Sally Gardner viu confirmado o reconhecimento que a sua novela juvenil *Maggot Moon* tinha já alcançado e *Black Dog*, o segundo livro de Levi Pinfold, valeu o prémio ao ilustrador.

Em comum, as narrativas têm uma abordagem distópica do mundo, escolhendo como heróis crianças improváveis e frágeis. Em *Maggot Moon*, Standish enfrenta, sozinho, uma ditadura, enquanto Small Hope é confrontada com um monstro canídeo em *Black Dog*.

Como é tradição, os autores dirigiram a sua mensagem de agradecimento aos bibliotecários, enfatizando o seu papel indispensável na formação e acompanhamento de leitores.

Anualmente, os Prémios são atribuídos pelo Chartered Institute of Library and Information Professionals, que previamente escolhe os livros a concurso.

Sendo os mais antigos e prestigiados prémios britânicos nesta área, contam com nomes tão importantes como Arthur Ransome, C. S. Lewis, ou mais recentemente Philip Pullman, Tim Bowler, David Almond, Aidan Chambers ou Neil Gaiman para o Carnegie Medal, e John Birmingham, Raymond Briggs, Helen Oxenbury, Quentin Blake ou Anthony Browne para o Kate Greenaway Medal.

1.ª Feira Internacional do Livro Infantil em Xangai

Será em novembro que Xangai vai receber a 1.ª Feira Internacional do Livro Infantil. Com o grande objetivo de potenciar um segmento da edição em franco crescimento na China, a organização da Feira pretende agilizar a compra e venda de direitos, que representa já 20% do total nesta área de negócio.

Assim, os dois primeiros dias (7 e 8 de novembro) serão de acesso exclusivo para profissionais, entre os quais editores, autores, agentes e distribuidores, e apenas no último dia a Feira abrirá as suas portas ao público em geral, tentando assim mostrar a diversidade e qualidade que o mercado do livro infantil tem para oferecer.

Os livros presentes na Feira destinam-se a crianças entre os 0 e os 16 anos e não se esgotam no álbum ou na literatura. Também se espera uma forte presença de livros didáticos e informativos, assim como livros em suportes digitais. Tendo em conta que cerca de 90% dos livros infantis que os chineses compram são importados, e que, simultaneamente, as famílias têm como comportamento mensal a compra de livros, esta Feira é uma grande oportunidade para todos os intervenientes. Contará com 200 stands, de entre os quais se estima que 60 sejam ocupados por editoras estrangeiras.

A organização do certame é da responsabilidade da Reed Exhibitions, empresa com larga experiência neste universo, e que também organiza a London Book Fair e a Bienal do Livro de S. Paulo.

➔ Xangai

Saramaguiana

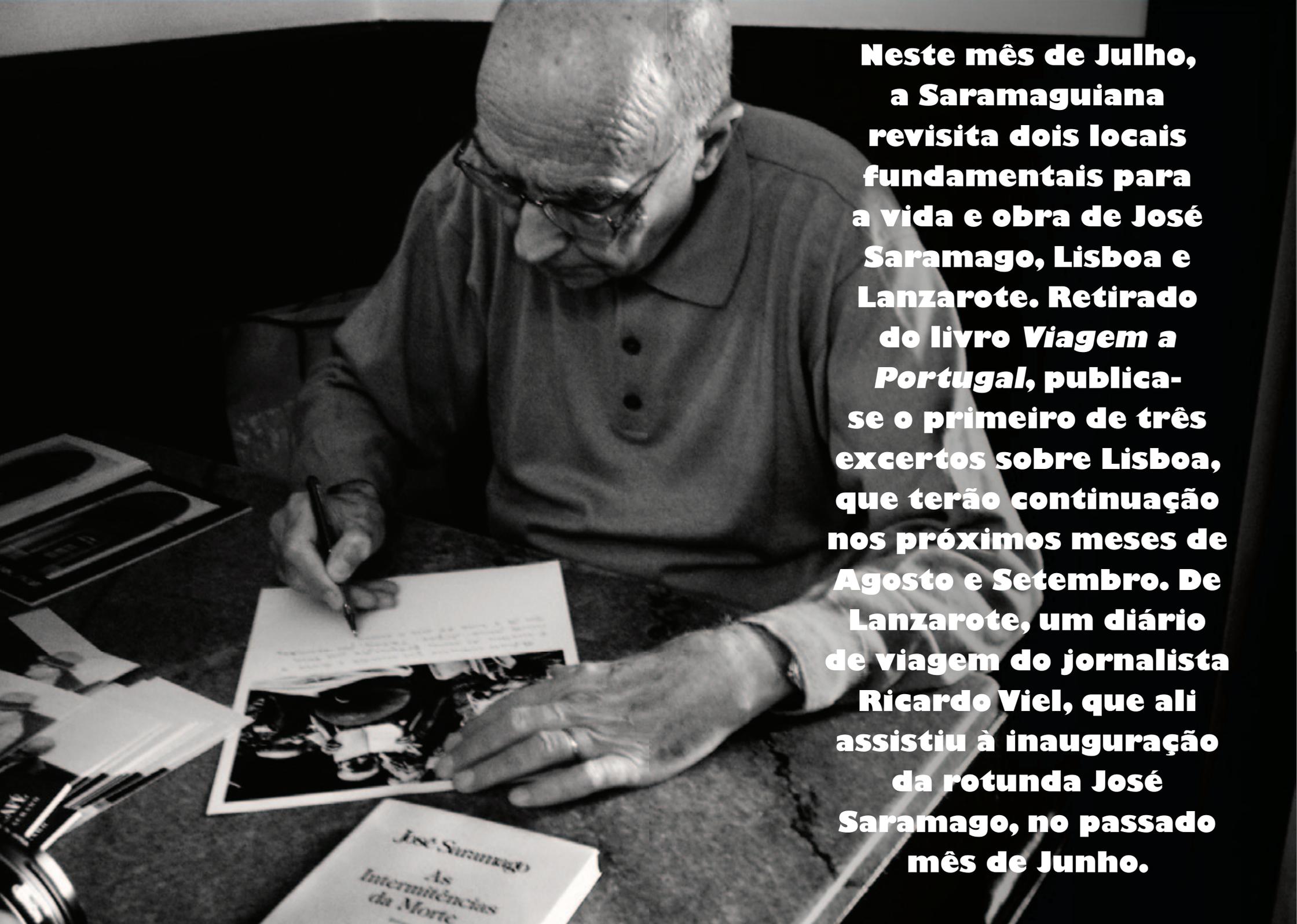
isboda

José Saramago

lanza

Ricardo Viel

rote



Neste mês de Julho, a Saramaguiana revisita dois locais fundamentais para a vida e obra de José Saramago, Lisboa e Lanzarote. Retirado do livro *Viagem a Portugal*, publica-se o primeiro de três excertos sobre Lisboa, que terão continuação nos próximos meses de Agosto e Setembro. De Lanzarote, um diário de viagem do jornalista Ricardo Viel, que ali assistiu à inauguração da rotunda José Saramago, no passado mês de Junho.

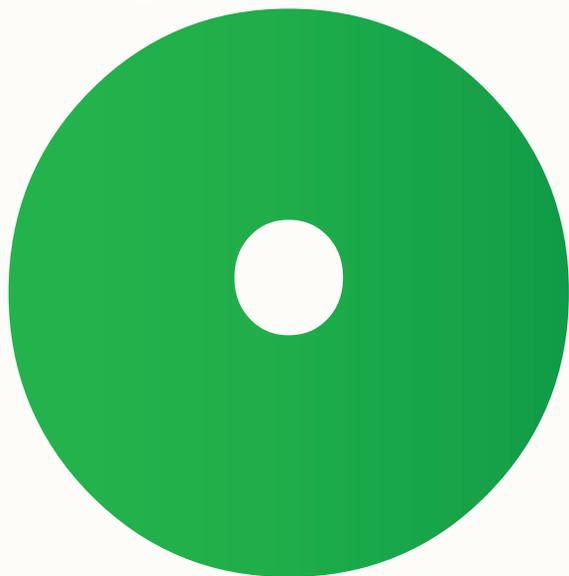
Dizem que é coisa boa José Saramago

Cá está a coleira. O viajante disse e cumpriu: mal entrasse em Lisboa iria ao Museu de Arqueologia e Etnologia à procura da falada coleira usada pelo escravo dos Lafetás. Podem-se ler os dizeres: «Este preto he de Agostinho de Lafetá do Carvalhal de Óbidos.» O viajante repete uma vez e outra para que fique gravado nas memórias esquecidas. Este objecto, se é preciso dar-lhe um preço, vale milhões e milhões de contos, tanto como os Jerónimos aqui ao lado, a Torre de Belém, o palácio do presidente, os coches por junto e atacado, provavelmente toda a cidade de Lisboa. Esta coleira é mesmo uma coleira, repare-se bem, andou no pescoço dum homem, chupou-lhe o suor, e talvez algum sangue, de chibata que devia ir ao lombo e errou o caminho. Agradece o viajante muito do seu coração quem recolheu e não destruiu a prova de um grande crime. Contudo, uma vez que não tem calado sugestões, por tolas que pareçam, dará agora mais uma, que seria colocar a coleira do preto de Agostinho de Lafetá numa sala em que nada mais houvesse, apenas ela, para que nenhum viajante pudesse ser distraído e dizer depois que não viu.

Tem o museu milhares de peças de que o viajante não falará. Todas têm a sua história própria, desde o paleolítico ao século passado, e é cada uma delas breve ou demorada lição. O viajante gostaria de pegar na mais antiga e depois seguir a história até à mais recente. Tirando alguns deuses conhecidos e uns tantos imperadores romanos, o resto é a arraia-miúda, anónima, sem rosto nem nome. Há uma palavra para designar

L i s b o a

cada objecto, e o viajante descobre, estupefacto, que a história dos homens é afinal a história desses objectos e das palavras que os nomeiam, e dos nexos existentes entre eles e elas, mais os usos e os desusos, o como, para quê, onde e quem produziu. A história assim contada não se atravanca de nomes, é a história dos actos materiais, do pensamento que os determina, dos actos que determinam o pensamento. Era bom ficar aqui a interrogar esta cabra de bronze ou esta placa antropomórfica, este friso ou esta quadriga encontrada em Óbidos, tão perto do Carvalhal. Para demonstração de que é possível e é necessário aproximar todas as coisas para entender cada uma.



viajante vem para a rua, é um viajante perdido. Aonde irá? Que lugares irá visitar? Que outros deixará de lado, por sua deliberação ou impossibilidade de ver tudo e falar de tudo? E que é ver tudo? Tão legítimo seria atravessar o jardim e ir ver os barcos no rio como entrar no Mosteiro dos Jerónimos. Ou então, nada disto, ficar apenas sentado no banco ou sobre a relva, a gozar o esplêndido e luminoso Sol. Diz-se que barco parado não faz viagem. Pois não, mas prepara-se para ela. O viajante enche de bom ar o peito, como quem levanta as velas a apanhar o vento do largo, e ruma para os Jerónimos.

Bem fez em ter usado linguagem marinheira. Aqui mesmo à entrada está, à mão esquerda, Vasco da Gama, que descobriu o caminho para chegar à Índia, e, à direita, a jacente estátua de Luís de Camões, que descobriu o caminho para chegar a Portugal. Deste não estão os ossos, nem se sabe onde param; de Vasco da Gama, estarão ou não. Onde parece que há alguns verdadeiros é lá ao fundo, à direita, numa capela do transepto; aí estão (estarão?) os restos de D. Sebastião, outras vezes falado neste re-

lato. E de túmulos não falemos mais: o Mosteiro dos Jerónimos é uma maravilha de arquitectura, não uma necrópole.

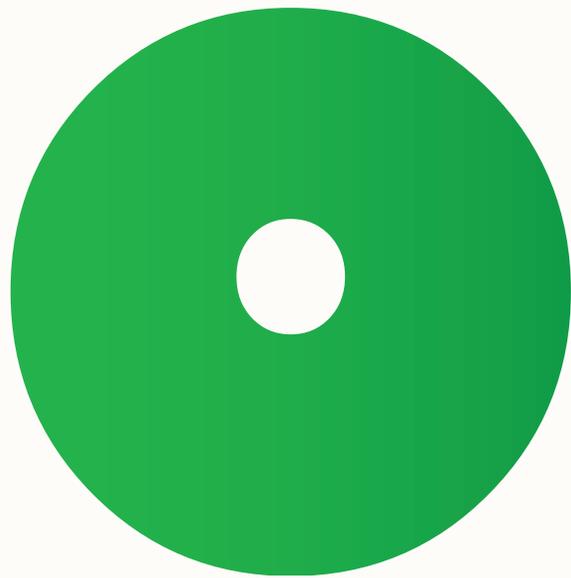
Produziram muito os architectos do manuelino. Nunca nada mais perfeito que esta abóbada da nave nem tão arrojado como a do transepto. Tantas vezes tem feito profissão de fé numa certa bruteza natural da pedra, e agora vê-se rendido diante da decoração finíssima, que parece renda imponderável, dos pilares, incrivelmente delgados para a carga que suportam. E reconhece o golpe de génio que foi deixar em cada pilar uma secção de pedra despida de ornamento: o architecto, isto pensa o viajante, quis prestar homenagem à simplicidade primeira do material, e ao mesmo tempo introduziu um elemento que vem perturbar a preguiça do olhar e estimulá-lo.

Porém, onde o viajante entrega as armas, as bagagens e as bandeiras é sob a abóbada do transepto. São vinte e cinco metros de altura, num vão de vinte e nove metros por dezanove. Não há aqui pilar ou coluna que ampare a enorme massa da abóbada, lançada num só voo. Como um enorme casco de barco virado ao contrário, este bojo vertiginoso mostra o cavername, cobre com as suas obras vivas o espanto do viajante, que está vai não vai para ajoelhar ali mesmo e louvar quem tal maravilha concebeu e construiu. Corre outra vez à nave, outra vez o arrebatam os fustes esbeltos dos pilares que no topo recebem ou dele fazem nascer as nervuras da abóbada como palmares. Deambula de um lado para outro, entre turistas que falam metade das línguas do mundo, e entretanto decorre um casamento, diz o padre as palavras costumadas, está toda a gente contente, oxalá sejam felizes e tenham os meninos que quiserem, mas não se esqueçam de os ensinar a gostar destas abóbadas em que os pais mal repararam.



L i s b o a

O claustro é bellissimo, porém, não vence o viajante, que em claustros tem ideias muito firmes. Reconhece-lhe a beleza, mas acha-o excessivo de ornamento, sobrecarregado, embora julgue saber encontrar, sob essa capa, a harmonia da estrutura, o equilíbrio das grandes massas, ao mesmo tempo reforçadas e leves. Contudo, não é esta a paixão do viajante. O seu coração está repartido por alguns claustros de que tem falado. Aqui apenas sentiu o prazer dos olhos.



viajante não falou dos portais, o do sul, que dá para o rio, e o outro, virado a poente, no eixo da igreja. São ambos belos, trabalhados como filigrana, mas sendo embora o primeiro mais aparatoso, porque pôde desenvolver-se a toda a altura da frontaria, vão as preferências para o outro, talvez pelas magníficas estátuas de D. Manuel e D. Maria, obra de Chanterenne, mais provavelmente pela união de elementos decorativos predominantemente góticos e renascentistas, praticamente sem nenhum aproveitamento do vocabulário manuelino. Ou então será outra manifestação do já demonstrado gosto do viajante pelo mais simples e rigoroso. Pode bem ser. Outro terá outro gosto, e ainda bem para ambos.

Colocado agora entre o Museu da Marinha e o Museu dos Coches, entre alguns meios de navegar nas águas e outros de ser transportados em terra, o viajante decide ir à Torre de Belém. Um poeta disse, em hora de rima fácil e desencanto pátrio, que só isto fazemos bem, torres de Belém. O viajante não é da mesma opinião. Viajou bastante para saber que muitas outras coisas fizemos bem feitas, e agora mesmo vem de ver as abóbadas dos Jerónimos. Fez de conta Carlos Queirós que as não viu, ou desforrou-se na torre da dificuldade de encontrar rima coerente para o mosteiro. Em todo o caso não vê o viajante que utilidade militar poderia

ter esta obra de joalheria, com o seu maravilhoso varandim virado ao Tejo, lugar de mais excelência para assistir a desfiles náuticos do que para orientar a alça dos canhões. Que conste, nunca a torre entrou em batalha formal. Ainda bem. Imagine-se os destroços que fariam neste rendilhado as bombardas quinhentistas ou as palanquetas. Assim pode o viajante percorrer as sobrepostas salas, ir às altas guaritas, assomar ao balcão do rio e ter muita pena de não poder ver-se a si mesmo assomando em tão formoso lugar, e enfim descer ao mais fundo, onde presos já estiveram. É manha do homem: não pode ver um buraco lôbrego sem pensar em meter nele outro homem.

Não esteve o viajante muito tempo no Museu da Marinha, e ainda menos no dos Coches. Barcos fora de água entristecem-no, carruagens de pompa e circunstância enfadam-no. E vá lá que os barcos, louvados sejam, ainda podem ser levados dali ao rio, ao passo que os coches seriam ridícula coisa de ver, a bambolear-se grotescos por ruas e auto-estradas, desajeitados cágados que acabariam por perder em caminho as patas e a carcaça. Por várias razões boas e outra ainda melhor (sacudir do espírito as teias de aranha) o viajante foi ao Museu de Arte Popular. É um refrigerio. É também uma e muitas interrogações. Desde logo o viajante tomaria esta colecção e dividi-la-ia em dois ramos, cada um dos quais susceptível de amplos desenvolvimentos: o de Arte Popular propriamente dita e o do Trabalho, o que não significaria organizar dois museus, antes tornar mais visíveis as ligações entre trabalho e arte, mostrar a compatibilização entre o artístico e o útil, entre o objecto e o prazer sensorial. Não que o museu não seja uma extraordinária lição de beleza objectiva, porém padece do pecado original de sim-

ples exposição para fins ideológicos nada simples, como foram os que presidiram à sua criação e organização. O viajante gosta de museus, por nada deste mundo votaria a sua extinção em nome de critérios porventura modernos, mas não se resignará nunca ao catálogo neutral que toma o objecto em si, o define e enquadra entre outros objectos, radicalmente cortado o cordão umbilical que os ligava ao seu construtor e ao seu utilizador. Um ex-voto popular exige o respectivo enquadramento social, ético e religioso; um ancinho não é entendível sem o trabalho para que foi feito. Novas morais e novas técnicas vão empurrando todo este material para a arqueologia, e esta é só uma razão mais de novas exigências museológicas.

Falou o viajante de uma e muitas interrogações. Fique esta apenas: vivendo a sociedade portuguesa tão acentuada crise de gosto (particularmente na arquitectura e na escultura, no objecto de uso corrente, no envolvimento urbano), não faria mal nenhum aos árbitros e responsáveis dessa geral corrupção estética, e algum bem faria àqueles poucos ainda capazes de lutarem contra a corrente que nos vai asfixiando, irem passar umas tardes ao Museu de Arte Popular, olhando e reflectindo, procurando entender aquele mundo quase morto e descobrir qual a parte da herança dele que deve ser transmitida ao futuro para garantia da nossa sobrevivência cultural.

O viajante segue ao longo do rio, tão diferente aqui do carreirinho de água de Almourol, mas por sua vez quase um regato comparado com a vastidão que em frente de Sacavém se alonga, e tendo lançado comprazidos olhares à ponte hoje chamada de 25 de Abril (antes teve o nome de um hipócrita que até à última hora fingiu ignorar como se ia denominar a obra), sobe as escadinhas da Rocha do Conde de Óbidos para ir ao



L i s b o a

Museu de Arte Antiga. Antes de entrar regala-se a contemplar os barcos atracados, a rigorosa confusão dos cascos e dos mastros, das chaminés e dos guindastes, dos paus de carga e das flâmulas, e, sendo noite, voltará para deslumbrar-se com as luzes e tentar adivinhar o significado dos sons metálicos que ecoam bruscamente e se ampliam na ressonância das escuras águas. O viajante gosta dos seus vinte sentidos, e a todos acha poucos, embora seja capaz, por exemplo, e por isso se contenta com os cinco que trouxe ao nascer, de ouvir o que vê, de ver o que ouve, de cheirar o que sente nas pontas dos dedos, e saborear na língua o sal que neste momento exacto está ouvindo e vendo na onda que vem do largo. Do alto da Rocha do Conde de Óbidos o viajante bate palmas à vida.

Para ele, o mais belo quadro do mundo está em Siena, na Itália. É uma pequena paisagem de Ambrogio Lorenzetti, com pouco mais de um palmo na sua maior dimensão. Mas o viajante, nestas coisas, não é exclusivista; sabe muito bem que não faltam por aí outros mais belos quadros do mundo. O Museu de Arte Antiga, por exemplo, tem um: os *Painéis de S. Vicente de Fora*, e ainda outro: as *Tentações de Santo Antão*. E talvez o seja também *O Martírio de S. Sebastião* de Gregório Lopes. Ou o *Descimento da Cruz* de Bernardo Martorell. Cada visitante tem direito a escolher, a designar o mais belo quadro do mundo, aquele que a uma certa hora, num certo lugar, põe acima de todos os outros. Este museu que deveria ter o bem mais belo nome das Janelas Verdes, que é o da rua onde mora, não goza de fama e proveito de particularmente rico entre os seus pares da Europa. Mas, aproveitado todo ele, daria largo pasto às fomes estéticas da capital e lugares próximos. Sem falar das aventuras para que abriria a parte estrangeira da pinacoteca, contenta-se o viajante, nas salas da pintura portuguesa do século XVI, com delinear, para seu gozo próprio, os caminhos da representação da figura humana ou animal, da paisagem, do objecto, da arquitectura real ou inventada, da flora, natural

ou preciosamente alterada, do traje comum ou de corte, e esse outro que se abandona à fantasia ou copia estrangeiros modelos.

 , voltando atrás, sejam de Nuno Gonçalves ou não, estes painéis soletram feição por feição a portuguesa humanidade que no friso superior de retratos se mostra, tão fortes de expressão que os não pôde apagar a valorização maior das primeiras figuras, reais, fidalgas ou eclesiásticas. Tem sido fácil exercício colocar lado a lado estas imagens e outras de gente hoje viva: por esse país fora não faltam irmãos gêmeos destes homens. Porém, apesar desses outros igualmente fáceis exercícios de nacionalismo que derivaram de tal confrontação, não encontramos em Portugal maneira de tornar evidente, no plano profundo, a semelhança fisionómica. Num qualquer ponto da história o português deixou de reconhecer-se no espelho que estes painéis são. Claro que o viajante não está a referir-se às formas de culto aqui expressas nem a projectos de descobrimentos novos que eventualmente os painéis inspirariam. O viajante junta estas pinturas às coisas que viu no Museu de Arte Popular, e assim cuida que fica mais bem explicado o seu pensamento. Não se descreve o Louvre de Paris, nem a Galeria Nacional de Londres, nem os Ofícios de Florença, nem o Vaticano, nem o Prado de Madrid, nem a Galeria de Dresden. Também não se descreve o Museu das Janelas Verdes. É o que temos, e temo-lo bom. O viajante é habitual visitante, tem o bom costume de visitar uma sala de cada vez, ficar lá uma hora, e depois sair. Recomenda o método. Uma refeição de trinta pratos não alimenta trinta vezes mais do que uma refeição de um prato só; olhar cem quadros pode destruir o proveito e o prazer que um deles daria. Excepto no que toque à organização do espaço, as aritméticas têm pouco que ver com a arte.

Continua...



Moleskine de Lanzarote **Ricardo Viel**

12 de junho de 2013

São dez horas da noite e o avião que deveria partir para Lanzarote às três da tarde sequer chegou ao aeroporto de Lisboa. Haviam duas opções para viajar à ilha de Saramago: por Madri ou por Las Palmas. Por parecer menos cansativa, a escolhida foi a segunda – já que pela capital espanhola seria necessário passar uma noite. Por Las Palmas a viagem duraria apenas seis horas. Duraria...

13 de junho

No final, só pisei em Lanzarote no dia seguinte. Dezesesseis horas depois de sair de casa, por fim vejo pela janela do avião a ilha. Sou recebido com chuva, o que, segundo me dizem, não é comum. Tomei o café da manhã n'a A Casa e fiz a visita guiada duas vezes, uma com cada guia (Henrique e Ayatima). Cada passeio pela casa dura, em média, uma hora e meia, com direito a uma pausa na cozinha da casa para tomar um café e ler um trecho do *Caderno de Lanzarote*. Não conheço muitas casas de artistas/escritores (lembro-me agora da Casa Azul, da Frida Kahlo, da casa do Diego Rivera e da Casa Pessoa), mas das que visitei nenhuma tinha cara de morada. Pareciam cenários cenográficos de uma telenovela ou filme. Não falo de beleza – a Casa Azul, por exemplo, é espetacular –, senão de ter ou não vida. A casa-museu José Saramago é uma casa de verdade, nela moram pessoas (como quase sempre acontece

Lanzarote

com as casas). Não fossem os numerinhos pintados nas paredes para ajudar os visitantes com seus audioguias seria difícil adivinhar que aquela não é «apenas» uma residência. A geladeira da cozinha tem fotos da família, há barulho e gente andando de um lado para o outro, e quando o relógio marca dez da manhã, horário em que começam as visitas, corre-se para ver se não há louça na pia, se a Boli (a cachorra da casa, já velhinha e meio cega) não deixou algum «presente» pelo caminho do jardim, se as cadeiras da esplanada estão no devido lugar. Ou seja, arruma-se a casa para receber as visitas.

Estou hospedado em frente à Casa no apartamento construído acima da biblioteca. Na parte de cima da impressionante sala recheada com quase 20 mil livros e decorada com uma coleção de elefantes, alguns quadros e estátuas foi construído um apartamento. É pequeno e aconchegante, e foi feito por José e Pilar para hospedarem os amigos. Parece que sou um deles. Na hora de dormir o silêncio da noite é cortado pelas rajadas de vento, que parece querer entrar pela janela. Até agora, o que mais me chama atenção desse lugar é a constância e força do vento que sopra a toda hora.

14 de junho

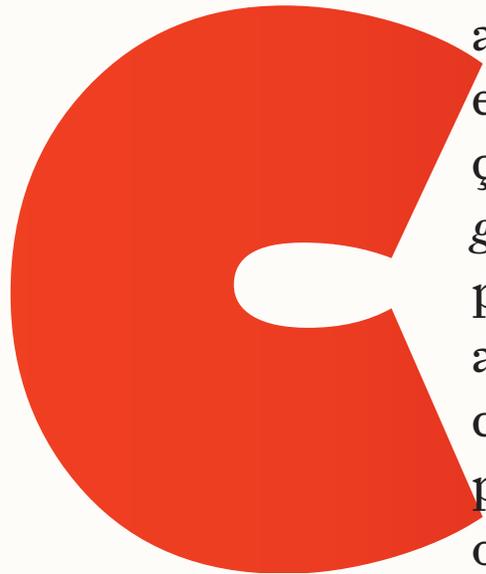
O dia amanheceu nublado, mas depois do nosso café da manhã o sol surgiu de repente e me fez entender sua fama de perigoso. Sinto os ombros e o pescoço levemente ardidos. A escultura que será inaugurada amanhã – uma oliveira de aço, de mais de cinco metros, com as iniciais J e S – na rotunda que fica em frente à Casa recebe os últimos retoques. Um rapaz coloca as letras na pedra e a inscrição «Lanzarote no es mi tierra, pero es tierra mía».



Lanzarote

A Casa recebe visitas a todo momento. Os italianos e os espanhóis são os principais visitantes. Enquanto eles recorrem A Casa e a Biblioteca, está Pilar del Río andando de um lado para o outro cuidando de deixar tudo em perfeito estado para o ato do dia seguinte, a inauguração da rotunda em homenagem a Saramago. Em Lanzarote praticamente todas as casas são brancas e quase não há sobrados, muito menos prédios altos – isso graças ao esforço de César Manrique, me contam. O cinza das pedras vulcânicas contrasta com o azul do mar e o céu. É uma beleza dura, sem adornos. O verde não faz parte da paisagem. Para qualquer lugar que olho estão as montanhas formadas pelos vulcões. Uma delas é a Montaña Blanca, aquela que Saramago subiu aos setenta e tantos anos.

15 de junho



asa cheia. Muita gente para a inauguração da escultura. Música, bonitas palavras em memórias a Saramago, e um coquetel na Biblioteca. Contam-me que a mudança para a ilha, depois da perseguição que sofreu em Portugal por causa do *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, significou tranquilidade e alegria para o escritor. Uma paz que o fazia recordar a infância. «Um súbito pensamento: será Lanzarote, nesta altura da vida, a Azinhaga recuperada? As minhas deambulações inquietas pelos caminhos da ilha, com o seu quê de obsessivo, não serão repetições daquela ansiosa procura (de quê?) que me levava a percorrer por dentro as marachas do Almonda, os olivais desertos e silenciosos ao entardecer, o labirinto do Paul de Boquilobo?»,

leio no *Caderno de Lanzarote*. Para alguém que gosta de contemplação, Lanzarote é o paraíso.

Lanzarote

16 de junho



Hoje, domingo, foi um dia plenamente dedicado a conhecer a ilha. A feira de Teiguise, o Mirador del Río – cuja espetacular vista requererem olhos mais destros do que os que tenho – os Jameos del Agua e a praia de Famara. De noite conheci o LagoMar, uma casa projetada por César Manrique. Está incrustada no meio das rochas, com lindos jardins e túneis que ligam os cômodos da casa. Um dia pertenceu a Omar Sharif, quem, segundo a lenda, perdeu-a num jogo de cartas. Hoje é um bar-restaurante, ao pé de um vulcão e com uma vista maravilhosa. Lanzarote de noite consegue ser tão bonita quanto de dia.

17 de junho

Sensação de que os dias passam muito rápido por aqui, embora a tranquilidade e silêncio do lugar. Talvez seja o vento que carrega as nuvens e assim muda a iluminação a todo tempo. Tiro uma foto, olho no visor, e se tiro um novo retrato, na mesma posição, ele já sai diferente do que o anterior. Hoje visitei a Fundação César Manrique (uma maravilha!) e tomei o famoso vinho tinto branco de Lanzarote. Amanhã, como «gran finale», serei apresentado ao Timanfaya.

18 de junho

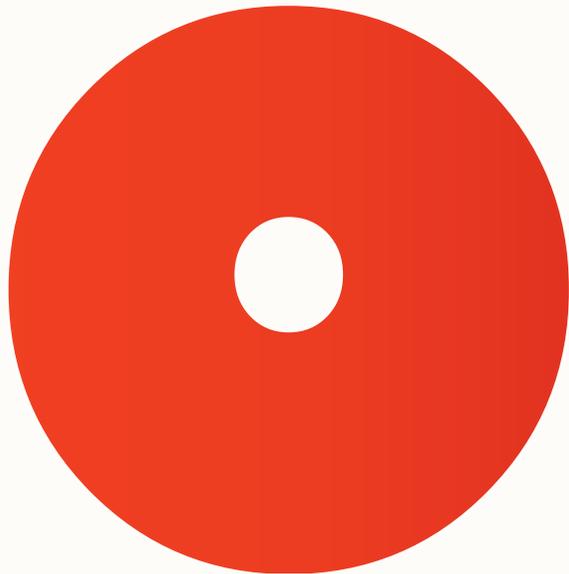
Num dia como o de hoje, em 2010, morreu Saramago. Foi em Lanzarote, um pouco depois das onze da manhã, na Casa. Para recordar esses três anos sem José, nesta terça-feira, na Biblioteca, com a presença



LANZAROTE NO ES MI TIERRA, PERO ES TIERRA MIA.
Jose Saramago

Lanzarote

de alguns amigos e familiares, Pilar leu um extrato de *As Intermitências da Morte*. Em seguida o músico Damian Martínez Marco tocou um trecho da 6ª sinfonia de Bach. O violoncelista também executou uma melodia catalã chamada *Cant Dells Ocells* (canto dos pássaros). Uma cerimônia íntima, simples e emotiva. Não pude descolar os olhos de uma senhora de cabelos brancos e roupas confortáveis (como as que os turistas costumam usar). Durante todo o ato ela tinha os olhos marejados e uma postura serena. Fiquei com vontade de saber mais, de conhecer sua relação com os textos de Saramago, de perguntar desde onde vinha para assistir aquele ato. Mas ela parecia tão ensimesmada que não me aproximei.



Parque Nacional do Timanfaya é uma cadeia de vulcões que, segundo me dizem, poderiam voltar a «funcionar» a qualquer momento. Há três séculos eles entraram em erupção e durante décadas lançaram as lavas em direção ao mar. As fotos que fiz e os textos que tentei escrever não retratam o lugar. Em 1996, o fotografo brasileiro visitou Saramago e foi levado ao Timanfaya. Escreveu o português em seu caderno: «Tinha pensado que Sebastião Salgado seria pouco sensível às lavas e vulcões de Timanfaya (os olhos dele já viram tudo...), mas enganei-me. Estou assombrado, disse, e a expressão do rosto confirmava as palavras». Como meu compatriota, eu fiquei impactado com o que vi. Fiquei imaginando o assustador e encantador que não foi esse espetáculo do encontro do fogo cuspidor pelas montanhas com a água do mar. Pilar me conta que Saramago dizia que Lanzarote era como o primeiro e o último dia do mundo. Daquela visita de Salgado

Lanzarote

à ilha ficou uma promessa de retorno para retratar o lugar. Oxalá aconteça. Se há alguém capaz disso, esse alguém é Sebastião Salgado.

19 de junho

Um café da manhã rápido, mala arrumada e a partida para o aeroporto. E me pego desejando que aconteça o que aconteceu na viagem de ida: atraso de dez horas no avião. Queria mais tempo em Lanzarote. Mas desta vez o horário é cumprido rigorosamente. Vou embora com a sensação de que meus olhos e meu cérebro não foram capazes de assimilar tudo o que vi nesses dias em Lanzarote.

*Uma semana depois da viagem a Lanzarote recebo um correio da companhia aérea. Pediam desculpas pelo atraso do voo de ida e, em forma de retribuição pelo transtorno causado, ofereciam-me uma bilhete de ida e volta, a ser emitido até o dia 31 de dezembro deste ano, para qualquer dos destinos que operam. Parece que voltarei a Lanzarote em breve.



VIAJE A PORTUGAL

**ATÉ
5 OUT
ALMADA POR
CONTAR**

Exposição comemorativa dos 120 anos do nascimento de Almada Negreiros. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.



**ATÉ
4 AGO
ARGRA**

24ª Muestra Anual de Fotoperiodismo Argentino. Palacio Nacional de las Artes, Buenos Aires



**ATÉ
23 JUL
CAIS OU DA
INDIFERENÇA
DAS EMBAR-
CAÇÕES**

Peça teatral de Kiko Marques sobre três gerações de uma família moradora na Ilha Grande. Instituto Cultural Capobianco, São Paulo.



**ATÉ
28 JUL
FESTIVAL
AO LARGO**

Programa de dança e música com orquestras sinfónicas, bailado e ópera, com entrada livre. Largo de São Carlos, Lisboa.



**ATÉ
15 AGO
NO PRINCÍPIO
FOI O VERSO.
ROSALÍA
DE CASTRO**

Exposição comemorativa dos 150 anos da publicação de Cantares Gallegos, de Rosalía de Castro. Fundación Barrié, Vigo.



**ATÉ
14 AGO**
**AMÉRICA DO
SUL. A POP
ARTE DAS
CONTRA-
DIÇÕES**

Mais de uma centena de obras de 57 artistas do Brasil e da Argentina, com foco na produção da década de 60. Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro.



**ATÉ
1 SET**
**YO PICASSO.
AUTORETRATS**

Primeira grande exposição monográfica sobre os auto-retratos de Pablo Picasso. Museu Picasso, Barcelona.



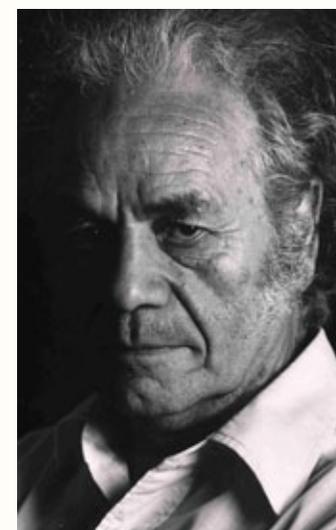
**ATÉ
27 OUT**
**VIAGEM AO
FIM DA COR:
LIVROS E
OBRAS IM-
PRESSAS**

Exposição de livros de artista, sobretudo das décadas de 60 e 70 do século passado. Museu de Serralves, Porto.



**ATÉ
1 SET**
**PARRA. OBRAS
PUBLICAS**

Exposição bio-bibliográfica dedicada a Nicanor Parra. Biblioteca Nacional de España, Madrid.



**ATÉ
30 JUL**
**HOMENAJE A
ANNE FRANK**

Ciclo de exposições de homenagem a Anne Frank, quando passam 84 anos sobre o seu nascimento. Casa da Cultura, Buenos Aires.



Diretor

Sérgio Machado Letria

Edição e redação

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

Design e paginação

Jorge Silva/Silvadesigners

FUNDAÇÃO

JOSÉ SARAMAGO

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

<http://www.josesaramago.org>

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

